



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE HISTÓRIA

**VELHO LUGAR EM NOVOS CONTEXTOS: REPRESENTAÇÕES
HISTORIOGRÁFICAS DE UMA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA**

Aline Schneider

Lajeado, junho de 2018.

Aline Schneider

VELHO LUGAR EM NOVOS CONTEXTOS: REPRESENTAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS DE UMA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA

Monografia apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Licenciatura em História, da Universidade do Vale do Taquari Univates, como parte de exigência para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Me. Sérgio Nunes Lopes.

Lajeado, junho de 2018.

Aline Schneider

VELHO LUGAR EM NOVOS CONTEXTOS: REPRESENTAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS DE UMA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA

A Banca examinadora abaixo aprova a monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de licenciada em História.

Prof. Me. Sérgio Nunes Lopes – orientador
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Prof. Dr. Tiago Weizenmann
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Lajeado, junho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Emílio Clóvis Schneider e Marinês Diedrich Schneider pelo apoio e incentivo, por sempre estarem ao meu lado nos diversos momentos que passei durante a graduação. Pelos conselhos, puxões de orelha e pelo seu amor incondicional. E por sempre acreditarem no meu potencial.

Ao meu irmão, Michael Schneider que nunca mediu esforços e sempre que precisei estava me apoiando, afinal foram incontáveis às vezes que isto ocorreu.

Ao meu orientador, Sérgio Nunes Lopes, por aceitar me ajudar nessa pesquisa que em primeiro momento causou estranhamento, mas que ao final foi se encaixando e fazendo sentido. Sendo o melhor orientador, e que através de muita dedicação, paciência, incentivo e ensinamentos me guiou ao longo da pesquisa

Em especial ao colega e amigo Jéferson Schaeffer que não só me ajudou como cedeu seu tempo e um pouco da história da sua família para que esse trabalho se realizasse.

A todos os mestres que contribuíram para a minha formação acadêmica. Aos colegas e amigos, pelas experiências, incentivo, apoio, conversas e alegrias compartilhadas ao longo do caminho. Por tornarem as noites frias ao longo da graduação mais acolhedoras.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desta pesquisa, em especial aos entrevistados, muito obrigada!

RESUMO

Este estudo tem como objetivo trazer à tona a relevância semântica que uma estrutura arquitetônica, como lugar possui para os indivíduos que se relacionam com este espaço. A pesquisa só se efetiva com o apoio de suportes metodológicos adequados. Assim o presente trabalho basear-se-á no método de pesquisa qualitativa, buscando novas interpretações na análise dos materiais. Através da História oral, onde as vozes dos entrevistados relembram fatos relacionados à construção e o cotidiano da residência da família Hepp em Arroio Alegre, Município de Sério/RS. No processo de rememorar emergem-se vestígios deixados pelo passado, dos quais o historiador compõe e constrói suas análises. Concluiu-se durante a construção deste estudo que a estrutura arquitetônica está diretamente relacionada com o sujeito e seus apegos e sentimentos. São esses laços que possibilitam que a estrutura arquitetônica seja um símbolo e que gere um lugar de importância para o indivíduo, muito além da materialidade.

Palavras-chave: História Regional. Lugar. Memória. Estrutura arquitetônica. Lembranças. Rememoração.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa da Família Hepp, data de construção: 1953	27
Figura 2: Visão aérea da estrutura arquitetônica.....	28
Figura 3: Mapa de localização do Vale do Taquari	29
Figura 4: Família de Reinoldo e Rosalina Hepp	322
Figura 5: Comemoração de 25 anos de casados de Reinoldo e Rosalina Hepp na casa em estilo enxaimel	333
Figura 6: Elementos estéticos: pintura das paredes internas, na direita pintura de ladrilhos nas paredes externas (rodapé e roda forro).....	355
Figura 7: Detalhes da balaustra da varanda, na direita, detalhes decorativos da varanda	355
Figura 8: Detalhes da construção, o uso de terra e água para a edificação das paredes. Ao centro detalhe da Escaiola na cozinha, na direita parede externa com chapisco	377
Figura 9: Escada de acesso à casa e à varanda.....	38
Figura 10: Marcas deixadas pelo uso de uma mesa na parede da cozinha. Ao centro cisterna de abastecimento de água e ao lado imagem do forno	39
Figura 11: Varanda interna utilizada como volume de apoio.....	400
Figura 12: Vista da elevação que o porão proporciona a casa. Ao lado imagens do interior do porão	400
Figura: 13: Ao fundo se observa a estrutura arquitetônica e suas benfeitorias, em meados de 1990.....	411

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CASA, LUGAR REMINISCÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICO/METODOLOGIAS	10
2.1 Memória	11
2.2 Lugar	13
2.3 Patrimônio Histórico e Cultural	16
2.4 História oral	19
2.5 História regional	23
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA	27
3.1 Contexto regional e local	30
3.2 Processo de construção, usos e funções da casa	31
4 LUGAR VELHO: REPRESENTAÇÕES E SIMBOLOGIAS	44
4.1 Caráter simbólico	46
4.2 Representações da casa pelos indivíduos	50
4.3 A estrutura arquitetônica como Patrimônio	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
LISTA DE ENTREVISTAS	69
ANEXOS	70

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe abordar a residência da família Heppem Arroio Alegre, Município de Sério/RS, como uma estrutura arquitetônica de relevância histórica, buscando através das memórias de alguns sujeitos que habitaram o imóvel revelar lembranças do lugar e seus significados. Da perspectiva teórico-metodológica escolhida para tal abordagem perseguiu-se a relação que esta categoria de documento/monumento estabelece com a trajetória de vida dos indivíduos e suas famílias.

Assim, parte-se do pressuposto que a casa não se caracteriza somente como objeto, mas como uma estrutura de rememoração, pois traz em sua “materialidade a imaterialidade da memória, lembranças do passado, pessoas, lugares” (NERY, 2014, p. 29). A casa se compõe de diversos signos, que remetem ao indivíduo diversas sensações, que podem ser evocadas por várias gerações.

Logo, a renovação da historiografia e as novas concepções epistemológicas ampliaram as possibilidades interpretativas. Trouxeram para o âmbito da ciência histórica, novos problemas e objetos a serem considerados para o estudo da História. O homem passa a ser considerado produto da história, e não apenas aquele que a produz.

Segundo Le Goff (1998) e Nora (1993), a História se afirma como nova, ao anexar novos objetos que até então lhe escapavam. Dessa perspectiva, as estruturas arquitetônicas constituem-se em documentos relevantes para o estudo da História Regional, nos seus aspectos culturais, sociais e econômicos.

O trabalho tem por objetivo analisar a estrutura arquitetônica enquanto Lugar e sua possível vinculação com os processos de evocação de memórias individuais e coletivas, tendo em conta o contexto histórico regional e a permanência da casa na propriedade da família Hepp.

Os sentidos dados ao Lugar são analisados a partir dos indivíduos, sua subjetividade e a experiência de vida. Assim, Yi-Fu Tuan (1983), reflete sobre as experiências íntimas que os sujeitos constituem com o lugar. Dessa perspectiva não se compreende os lugares sem os agentes sociais. As relações estabelecidas com o lugar são resultado da relação dos indivíduos que nele habitam.

Bachelard (1993) traz uma nova perspectiva aos estudos fenomenológicos de lugar, através da interpretação das imagens formadas pela significação poética, ou seja, cria uma abordagem através de representações dos espaços de intimidade. Formam-se espaços humanos significativos e imaginados, que são compreendidos pelo vivido. Assim a casa se transforma em Lugar, pois é verdadeiramente vivida em sua realidade e virtualidade.

As casas são testemunhas das relações do homem com o meio. As vivências significativas no espaço passam a habitar as lembranças. Quando o Lugar desencadeia lembranças tem-se a imbricação desses com o tempo. Segundo Poulet citado por Tedesco (2011), não se desassocia as representações subjetivas que os sujeitos atribuem à estrutura arquitetônica, pois se organizam em fragmentos de continuidade. Assim a memória faz o tempo e o espaço se reencontrarem, dando novos sentidos e valores individuais e coletivos.

A memória e a lembrança, nesta perspectiva não se desassociam da casa, mas encontram refúgio nela. Pois “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2011, p. 16). Havendo um processo de reconstrução do passado, levando-se em conta as rupturas e/ou permanências.

Seguindo essa linha de pensamento Nery (2017) analisa que a casa deixa de ser apenas estrutura arquitetônica, torna-se um espaço de processos de identidade, que modifica está edificação em algo valioso, envolve o sujeito e assim constituindo-se em elo de pertencimento.

A pesquisa só se efetiva com o apoio de suportes metodológicos adequados, que permeiam a aproximação do objeto de estudo. Assim o presente trabalho basear-se-á no método de pesquisa qualitativa, buscando novas interpretações na análise dos materiais.

Toma como objeto de estudo as representações, os processos de rememoração e os usos presentes na estrutura arquitetônica. Assim, o estudo levará em conta o caráter subjetivo e a importância da contextualização regional.

Para isso pretende-se, amplamente amparada na bibliografia, fazer uso de relatos que buscam captar o ponto de vista dos participantes, segundo a perspectiva da história oral.

Pretende-se assim, através da coleta e análise de entrevistas, compreender que medida o objeto analisado relaciona-se com a evocação de memórias individuais e coletivas acerca dos processos históricos regionais.

Assim, Lucena (1997) e Thompson (1992) descrevem as possibilidades da abordagem da oralidade no estudo da História. Pois as narrativas das vivências são acessadas de forma direta. Sendo que as subjetividades que se apresentam nos relatos exigem alguns cuidados metodológicos, principalmente no que diz respeito à execução e coleta de dados.

Paralelamente às informações coletadas da perspectiva da História oral será levada em conta a análise documental, no sentido de investigar e procurar os registros da história. Através da análise deste conjunto de documentos será possível perceber as alterações na estrutura arquitetônica e sua adequação a cada contexto.

Há diversas formas de analisar estruturas arquitetônicas no contexto das representações historiográficas. Na monografia projetada, conforme as metodologias mobilizadas, a estrutura arquitetônica assume centralidade no desenvolvimento do estudo.

Diante disso, a presente pesquisa faz, num primeiro momento, uma análise conceitual de termos amplamente trabalhados na pesquisa. Possibilitando a compreensão de elementos, narrativas e aspectos que o trabalho se propôs investigar.

Na sequência, o segundo capítulo versa sobre a contextualização regional no Município de Sério/RS em meados de 1953. Busca-se analisar como fatores econômicos e sociais influenciaram o processo de construção da estrutura arquitetônica. Buscando ainda neste contexto estudar os usos e funções do espaço.

No terceiro capítulo analisa-se, através de relatos orais as representações e significações da estrutura arquitetônica a partir das vivências, lembranças e sentimentos individuais. Objetiva-se compreender de que maneira a casa constituiu-se como elo no processo de lembrar. Neste sentido, o Patrimônio vincula-se a memórias e lembranças presentes na estrutura arquitetônica.

2 CASA, LUGAR REMINISCÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICO/METODOLOGIAS

Para o recorte temático deste trabalho mobilizou-se alguns conceitos necessários para o estudo interpretativo de uma estrutura arquitetônica, partindo de revisão conceitual sobre memória, lugar, patrimônio histórico e as narrativas dos indivíduos através da História Oral no que tange à História Regional.

Os conceitos inerentes ao entendimento do objeto de estudo e a metodologia empregada na análise empreendida foram elaborados a partir da revisão literária da qual se ocupa essa seção da presente monografia. A reflexão converge para o entendimento do processo de rememoração dos indivíduos através da materialidade de uma estrutura arquitetônica. Abordar-se-á ainda os processos de significação dos lugares através da memória individual e a relação entre a memória individual e a memória coletiva.

A fim de aprofundar e elucidar esses aspectos centrais buscou-se esmiuçar e estabelecer relações entre os conceitos que o trabalho amplamente utilizará. No sentido de trazê-las para o contexto da casa.

Assim por meio das narrativas dos sujeitos entrevistados, constantes neste estudo, através das vivências deles no Lugar, poder-se-á identificar sentidos ou significados do olhar particular de cada um, no qual se encontram impregnados de lembranças e sentimentos, que no momento da narrativa virão à tona.

Pesavento (2005, p. 51), ressalta que “no campo da história cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões”. O historiador escolhe, recorta e organiza, diante dos documentos e do modo como vai compondo a história que estrutura sua narrativa.

2.1 Memória

Na contemporaneidade, a História não é a única forma de relacionar-se com o passado, pois as memórias em caráter coletivo ou individual representam aspectos pretéritos. Neste sentido, memória e história interligam-se, constituindo-se em narrativas e “discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala” (PESAVENTO, 2006, p.1). A memória e a história discorrem e interpretam o passado, atribuindo significados à realidade.

Nesta perspectiva, Paul Ricoeur (2007) apresenta a memória como o único recurso de lembrar, não havendo melhor meio de recordar o ocorrido, o passado. Ele observa que a narrativa é uma forma de (re)configurarmos nossas experiências. O historiador distingue o passado a partir do vestígio, assim não parte do real, mas de representações e memórias construídas pelos sujeitos sociais.

A rememoração do passado possibilita identificar processos de rupturas e/ou permanências, pois “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada” (CANDAU, 2011, p. 16). Assim, o passado não vem para o presente tal como foi.

Ao (re)constituir os movimentos da vida, a História faz uso da memória, através de sentidos, pois a construção da memória envolve um processo de escolha, uma seleção do passado realizada no presente, sendo fruto da memória a criação de um sentimento de identidade.

Criam-se desta forma inter-relações entre o individual e o coletivo no compartilhamento de representações e lembranças. Para Candau (2011), a memória pode se constituir numa esfera individual, com elementos inerentes. Outras características referem-se à memória coletiva, podendo ser compartilhada, pois formam um conjunto de representações da memória.

Neste sentido, para Pollak (1992), o sujeito possui uma memória social, ao mesmo tempo em que possui uma memória individual. Deste mesmo modo, Halbwachs (1990) enfatiza o elo entre a memória individual e a memória coletiva, pois mesmo o indivíduo permanecendo só, recorda por meio de memórias que não são somente suas.

O indivíduo liga-se com a memória, ele rememora, ecoa o que foi vivido, seleciona e esquece. Conforme Fernando Catroga, a memória individual é formada

pela coexistência de várias memórias. Permanecendo em construção pelo incessante movimento diacrônico presente/passado. Deste modo, o indivíduo torna-se social, partilha memórias (CATROGA, 2015).

Estas memórias assumem três elementos que as distinguem. Trata-se dos acontecimentos, personagens e lugares. Os acontecimentos constituem-se em eventos vivenciados pelo indivíduo, diretamente ou não. Do mesmo modo, os personagens associados às lembranças podem ou não efetivamente ter feito parte das suas experiências. Por último, os lugares que ancoram as memórias dos indivíduos podem ter significados diretos e relevantes ou serem indiretos às suas experiências (POLLAK, 1992).

Nora (1993, p. 9) evidencia que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”, estabelecendo vínculo com o Lugar¹ e consolidando a estrutura arquitetônica como espaço onde as experiências se materializam.

Assim, não há memória coletiva, nem individual que não se ancore em um quadro espacial.

Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem uma à outra, [...] e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Portanto, é a partir da memória que se obtém a capacidade de lembrar e recordar, entretanto que

a memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo) (CHAUÍ, 2000, p. 164).

¹O Lugar é compreendido como “produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos [...] produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida” (CARLOS, 2007, p. 22). O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida.

Neste sentido Tedesco (2013) descreve que,

a mesma [a memória] expressa capacidade de armazenar, de conservar traços de experiências passadas, sentidas, vividas e observadas, de ter acesso a elas, posteriormente, pelo horizonte da lembrança, ou, então, evitá-la por meio de esquecimento [...] A lembrança é capacidade de efetivação da memória, de recuperar algo do passado; ela escava na busca dos conteúdos da consciência e da experiência vivida subjetiva e coletivamente. Ela permite transmissão, capacidade do ser humano poder transcender-se (TEDESCO, 2013, p. 343, 344, grifo nosso).

Assim, (re)lembrar possibilita evidenciar determinados conteúdos. A memória e a lembrança, nesse contexto não se desassociam da casa, objeto de estudo dessa monografia, mas encontram refúgio nela. “O passado não pode ser inteiramente recordado e nem da mesma forma que foi vivido; a memória não tem essa capacidade de congelamento e cristalização, ou melhor, de ser um mero depósito, de resgate automático” (TEDESCO, 2013, p. 349).

O processo de rememorar se efetiva através de imagens poéticas e da imaginação do indivíduo. Torna-se integração entre pensamento, lembrança e os sonhos. As lembranças pessoais estão contidas nas impressões dos lugares, emergindo deste modo o sentimento de apego.

Deste modo, Lucena (1997) retrata a memória da casa enquanto lugar como tendo significados individuais, que dizem respeito às lembranças e à singularidades dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que adquire caráter coletivo ao referenciar a memória familiar e social.

2.2 Lugar

No estudo da ciência geográfica o conceito de Lugar ao longo do tempo teve diversas interpretações, com a renovação do pensamento de Lugar, surge uma nova análise da geografia humanista – em que sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente, pela valorização de afetividades desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente (LEITE, 1998). Segundo Holzer,

a preocupação dos geógrafos humanistas, segundo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos [...]. Ele significa um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir, da experiência pessoal de cada um (HOLZER, 1999, p. 4, 5).

Assim o Lugar é um ponto de experiências, que referenciam relações individuais e coletivas. Dessa perspectiva não se compreende os lugares sem os agentes sociais. As relações estabelecidas com o lugar são resultado da relação dos indivíduos que nele habitam.

A casa, tratada nesse estudo, é (re)significada passando a ter o sentido de lugar do indivíduo. Deste modo, através de experimentação com os cenários, paisagens, pessoas cotidianos os sujeitos atribuem significados, assim transformando esta estrutura em lugar de emoções e memórias.

Para a transformação da casa em um Lugar foi necessário um profundo envolvimento emocional do indivíduo. Tais aspectos se traduzem nas vivências e eventos significativos que ocorreram no local e as interações com o entorno. Ou seja, o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que temos do mundo (TUAN, 1983). Mas para compreendermos o sentido de Lugar, precisamos necessariamente entender como ele se constitui:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1983, p. 9).

Através desses artifícios ocorre a renovação das dimensões emotivas e subjetivas, das identificações dos indivíduos e seus símbolos. Os sentidos dados ao Lugar passam a ser analisados a partir dos indivíduos, sua subjetividade e a experiência de vida.

Levando em consideração o conceito da fenomenologia², houve a valorização das atividades desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Deixando de ser apenas estrutura arquitetônica, a casa torna-se um espaço de processos de identidade, que modifica esta edificação em algo valioso, envolve o sujeito assim constituindo um elo de pertencimento.

²Dartigues (1992) afirma que a fenomenologia é o estudo do fenômeno, tendo a preocupação de explicar as estruturas em que a experiência se verifica. Consiste em analisar as vivências da consciência para perceber como se produz o sentido dos fenômenos. O mundo é um fenômeno, sendo que a experiência individual é única, ou seja, o mundo afeta o sujeito assim como ele afeta o mundo. Havendo uma conexão entre o “que eu penso e seu objeto de pensamento”. A fenomenologia leva em conta a relação sujeito/objeto.

O sentimento de pertencimento está ligado às formas que os indivíduos se relacionam entre si e com o seu meio. Assim, passando a adquirir experiências e novas práticas culturais e sociais.

Nosso mundo-da-vida cotidiana consiste em “fenômenos” concretos [...]. Mas também compreende fenômenos menos tangíveis, como os sentimentos. Isto é, o que nos é “dado” é o “conteúdo” de nossa existência (SCHULZ, 2006, p. 444).

Deste modo, o sujeito vai apropriar-se do seu lugar após delegar símbolos a esta estrutura. A casa vai se constituir em um elemento de enraizamento, ou seja, o sujeito vai sentir-se protegido, em segurança do que vem do exterior, passando assim a pertencer a este lugar e lhe atribuir signos.

O “sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, como ser significante, vivenciar esta sua condição de ser lhe permite singularizar os objetos” (MAHEIRIE, 2002, p. 36). Portanto,

é graças à casa que um grande número de nossas lembranças são guardadas; e quando a casa tem um porão, um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. [...] Sendo assim, é possível compreender um pouco mais a vida de alguém a partir do entendimento desse espaço e também do cenário que o compõe (BACHELARD, 1993, p. 202).

A casa adquire sentido de Lugar devido aos movimentos, pois quando se cria, modificam-se e se transforma o espaço conforme seu interesse, ele passa a ter significados. Sendo através destas representações que podemos fazer emergir histórias familiares, individuais e tradições regionais.

Para Heinrich (et al, 2013), assim como coloca Tuan (1983), os homens erigem e dão significados aos lugares. Para alguns indivíduos os significados empregados tornam-se invisíveis, mas para outros, estas significações são carregadas de histórias e emoções. O Lugar se transforma em um mundo de significados organizado adquiridos pela experiência humana. Revelando-se mediante as experimentações íntimas e externas, individuais e coletivas dos sujeitos, a partir do vivido.

Assim, o lugar se transfigura em casa, torna-se abrigo, segurança do que vem do exterior. Nesta perspectiva os indivíduos constroem representações e identificam-

se, deste modo, o “Lugar não pode ser definido por meio de conceitos analíticos, científicos” (SCHULZ, 2006, p. 444).

Nesse contexto, o sujeito ancora memórias e através das representações dos espaços de intimidade, formam-se espaços humanos significativos e imaginados, que são compreendidos pelo vivido. Assim a casa se transforma em Lugar, pois é verdadeiramente vivida em sua realidade e virtualidade, pois o Lugar é marcado pelo sujeito ao mesmo tempo em que este é marcado pelo Lugar.

Neste sentido, Nery (2017) analisa que a casa deixa de ser apenas estrutura arquitetônica, torna-se um espaço de processos de identidade, que modifica esta edificação em algo valioso. Há aí o envolvimento do sujeito e assim constitui-se em elo de pertencimento.

A casa é um Lugar construído como resultado da vida das pessoas, portanto, carregado de histórias, de marcas deixadas em sua estrutura, que ancoram e revelam um pouco de cada indivíduo e seu cotidiano familiar.

Assim o sentimento de compreender seu espaço, o seu lugar no mundopossibilita ao sujeito o (re)conhecimentode si, como um indivíduo que produz sua história e significa seu espaço, assim como por ele é significado.

2.3 Patrimônio Histórico e Cultural

O final do século XX proporciona uma reflexão mais ampla sobre patrimônio cultural, alargando-se as concepções. Os conjuntos culturais passam a ser reconhecidos e valorizados.

Lemos (2006) tece considerações sobre Patrimônio, sendo este conceito dividido em três grandes categorias: a natureza e o meio ambiente. O segundo grupo refere-se à técnica, ao saber e as formas de fazer. E por último a categoria de patrimônio no qual se baseará o presente trabalho, que reúne os bens culturais que englobam “toda a sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer” (LEMOS, 2006, p. 10).

De acordocoma Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 216, entende-se por patrimônio cultural brasileiro:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, a ação, a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2003, p.97).

Deste modo, através do Patrimônio Cultural pode-se representar o passado reavivando as memórias enraizadas. Neste âmbito o patrimônio é entendido como um elemento da história e cultura, como herança coletiva e individual. Sendo sua essência um testemunho, ou uma tradição que se transmite a partir de valores materiais e imateriais. Assim,

o patrimônio cultural relaciona-se diretamente à formação da identidade de uma comunidade, a qual constrói seu pertencimento por meio das memórias individuais e coletivas, entre outros bens materiais e imateriais. As inovações do tempo presente devem ter como pano de fundo a valorização dos valores do ontem (RISSI; MACHADO, 2011, p. 75).

Nessa perspectiva, patrimônio corresponde à expressão e às representações dos indivíduos e dos grupos sociais, “a cultura material contém um valor simbólico” (FORTUNA, 1994, p. 215), tornando-se, dessa forma, elemento histórico e cultural com a finalidade de atualizar o passado atribuindo-lhe vida.

Patrimônio refere-se assim “ao modo como os sujeitos se relacionam, por um lado, com o tempo, e mais concretamente com as suas referências do passado e à memória quer pessoal quer coletiva, e, por outro lado, com o espaço, imediato ou representado, em que interagem” (FORTUNA, 1994, p. 215).

Para Gonçalves “os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, através dos quais é definida a identidade de pessoas e de coletividades como a nação, o grupo étnico” (1988, p. 266, 267). Pois:

etimologicamente falando a palavra patrimônio – em inglês, *heritage* – significa herança, bens de família, referindo-se ao passado, a algo que herdamos e que, por conseguinte, deve ser protegido. Sendo um legado do passado, os patrimônios foram construídos, recriados e apropriados, associando-se à memória do indivíduo e evocando a necessidade de resguardar, do desaparecimento, algo significativo para as identidades (FARIAS, 2012, p.8).

Neste sentido, Polh conceitua patrimônio como sendo:

[...] um conjunto de bens, de objetos, que são importantes para a pessoa, que em sua representação se tornam uma reserva de valores. Não apenas valores econômicos, na maioria das vezes passageiros, mas valores associados a significados muito mais profundos e sutis (POLH, 2005, p. 64).

Assim o patrimônio adquire significados e ambiguidades, passando a relacionar-se com os elementos que caracterizam as produções humanas – material e imaterial – em seus diversificados conjuntos de viver, pensar e falar. Servindo como uma ferramenta importante para analisarmos os contextos sociais e individuais dos seres humanos.

Deste modo, segundo Martins (2001), a noção de patrimônio não se refere somente ao conjunto de bens de uma comunidade ou população, mas estende-se a ponto de abranger todas as coisas que são valiosas para um indivíduo. Assim ao coletarmos lembranças ou objetos significativos, estamos estabelecendo conexões com o passado desde o presente e oportunizando interpretações futuras.

Pois “as ruínas das nossas cidades apresentam-se aos indivíduos com uma dupla qualidade: por um lado, são repertórios de outros modos de vida, por outro lado, estimulam a construção imaginada do passado” (FORTUNA, 1994, p. 218). Assim essas construções e fragmentos materiais podem projetar os indivíduos para um lugar e um tempo diferentes.

O patrimônio sob esta óptica se constitui em um reservatório de tradições e vivências, ao tempo em que construímos e somos construídos pelos espaços a partir das emoções neles vivenciadas e que são acessadas pela memória. Logo, transformam-se em lugares que, segundo Brandão (1999), não apenas o homem constrói e manuseia, mas algo que é apropriado por ele.

Assim “é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem” (THOMPSON, 1992, p.17), pois há interações nelas: os materiais são (re)significados. O patrimônio se transforma em um refúgio, ecoa lembranças, e como Nora (1993) descreve “um lugar de memória é onde a memória trabalha”.

2.4 História oral

As novas correntes historiográficas de estudo que surgem a partir da História Nova, trazem mudanças na historiografia, não seria diferente para a História Cultural. Os paradigmas passam por remodelações assumindo novos enfoques e problemas.

A História Cultural passa a considerar amplos elementos, tais como as representações, as memórias e suas reminiscências, a cultura material que busca analisar os objetos e as mudanças sociais e familiares e as expressões culturais. Elementos estes que buscam compreender os processos identitários dos indivíduos.

A Narrativa na História cultural: antes ligada à visão tradicional, à narrativa volta para dar voz às pessoas comuns, histórias de vida, narrativas culturais suas estruturas e versões que infere sobre a percepção do leitor. O desafio é fazer isto sem dar à história um enredo triunfalista e enfatizar a crítica e o conflito de visões e de sentido de cada narrativa (BURKE, 2011, p.157).

Deste modo, deve-se levar em conta a multidisciplinaridade da história cultural, onde as fronteiras são diáfanos, pois há diversas representações culturais em um mesmo espaço, buscando conservar suas identidades. A história cultural é flexível e permitindo reflexões para variados questionamentos, criando aproximações entre essas culturas e abrindo vias de compreensão entre elas.

Rupturas e transformações marcaram o debate historiográfico, a partir do profundo impulso da História Nova, em nome de uma história mais abrangente, e que problematiza a objetividade das fontes escritas.

Com os avanços no campo historiográfico, a chamada nova história tem seu campo de atuação alargado. Assim a noção de documento, agora passa a ser analisado no sentido mais amplo, segundo Le Goff:

A história Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais e etc. (LE GOFF, 1998, p. 28).

Nessa perspectiva, a Nova História Cultural trouxe novos paradigmas, dentre eles o de prática e representação, que contribuíram para o estudo de múltiplos

temas como memória, possibilitando que a memória, bem como suas problemáticas, seja abordada.

Logo diferente do passado, a democratização do conhecimento incentiva uma rica discussão sobre a própria definição de documento permitindo afirmar que a pesquisa histórica não se restringe ao espaço especializado do arquivo textual (SAMARA; TUPY, 2007, p. 68).

Entretanto, o conceito não está imune a críticas, sendo necessário se fazer a leitura das entrelinhas nos documentos orais, textuais e visuais. Nesta perspectiva surgem métodos de entrevistas e abordagens analíticas que buscam uma compreensão mais ampla das reminiscências.

Assim ao explorar a relação entre o entrevistador e o entrevistado, ou seja, o processo de afloramento das lembranças e os conteúdos rememorados implicam novas maneiras de tirar o melhor proveito das memórias em benefício da pesquisa histórica. Pois,

compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. Composição é um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de “construção” de reminiscências. De certa forma, nós as compomos ou construímos utilizando linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura (THOMSON, 1997, p. 56).

As reflexões acerca do pensar e do fazer história trazem novas abordagens em relação às novas fontes. Assim a história oral é compreendida como fonte para o estudo do passado, porém mesmo com os crescentes avanços suscita alguns questionamentos quanto ao seu uso como documento e a legitimação de seus processos.

A historiografia quando disputa o passado com a memória aopõe à História, e acaba assim por negligenciar a potencialidade da História Oral. Para Catroga (2015) a historiografia tem a possibilidade de várias abordagens, ideia que Pesavento (2006) defende indo além ao falar sobre memória e oralidade como fonte. Para a autora a oralidade apropriada pelo estudo da história evoca as temporalidades escoadas e as lembranças.

Para ampliar as possibilidades de utilizar a oralidade como construtora de conhecimento social válido, busca-se um aprofundamento nas formas de abordar o estudo da oralidade. Neste sentido ao fazer uso das narrativas da história oral como fonte se possibilita narrar às experiências.

Entretanto evidencia-se que as mesmas não constituem a realidade, mas dão versões de um passado que existiu, cabendo ao entrevistador perguntar o que se pode compreender e interpretar das pistas deixadas pela oralidade.

Na historiografia tradicional, os depoimentos orais são considerados fontes subjetivas. Nesse sentido, Thompson (1992) afirma que apesar da subjetividade presente nos testemunhos, cuidados com os processos de elaboração e execução das entrevistas, concedem possibilidades de objetividade.

A abordagem oral possibilita utilizar a história para narrar às vivências individuais e sociais dos sujeitos. Por basear-se na fala, a metodologia faz com que as memórias do passado sejam acessadas de forma mais imediata, sem as fronteiras rígidas e restritivas das fontes escritas. Logo, “a história oral permite articular o passado no presente, faz com que o entrevistado volte à sua origem e busque os princípios de sua identidade” (LUCENA, 1997, p. 400).

Para coletar as evidências orais faz-se necessário delimitar claramente as propostas, as perspectivas e o roteiro pretendido. Estes elementos formam um conjunto que auxilia na interpretação dos testemunhos orais coletados. Pois, “o depoente, ao desencadear o fluxo da memória, não consegue evitar as fantasias contidas na imaginação, lapsos, artifícios contidos em interpretações. A subjetividade se apresenta como um componente ativo na elaboração da narrativa” (LUCENA, 1997, p. 397).

Neste sentido, Thompson (1992) descreve como preparar as entrevistas, os cuidados com o equipamento, as seleções das perguntas e as maneiras de agir e interagir durante a entrevista. Estes cuidados são necessários a fim de que a entrevista transcorra de forma imparcial e objetiva, possibilitando que o depoente revise lembranças utilizando-se de diversos espaços e tempos, em um vai e vem da memória. Sem a interferência do entrevistador, e sim de uma maneira a preservar a subjetividade da narrativa.

Neste sentido buscar-se-á novas interpretações na análise dos materiais, que esta pesquisa se propõe utilizar. Pretende-se lançar mão de um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (MAANEN apud NEVES, 1996, p. 1).

Assim, leva-se em conta o que Godoy esclarece sobre a metodologia qualitativa e as fontes que podem ser analisadas:

Rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, videoteipes, desenhos e vários tipos de documentos. Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo (GODOY, 1995, p. 62).

Desta forma, o presente trabalho toma como objeto de estudo as representações, os processos de rememoração e os usos presentes na estrutura arquitetônica. Levando-se em conta o caráter subjetivo e a importância da contextualização regional, pois segundo a perspectiva da história oral:

A pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos –, como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (FERREIRA; AMADO, 2002, p. 14, 15).

O fascínio que a história oral exerce é “justamente a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência” (ALBERTI, 2004, p. 19), ou seja, saber compreender significa um exercício acutelado de interpretação. Para dar-se conta destes aspectos é necessária uma preparação criteriosa por parte do entrevistador. Assim “o que se dá, na verdade é que, quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenham informações históricas importantes” (THOMPSON, 1992, p. 255).

A entrevista revela representações acerca de vivências em determinados contextos históricos. Tais representações impregnam-se do sentido do contexto que são enunciadas. É papel do entrevistador mediar as reproduções do passado, sem interferir de forma direta, pois é por meio da história que os indivíduos buscam compreender as transformações em suas próprias vidas. Este fator constitui um dos desafios da história oral, narrar às mudanças sociais que se relacionam com o âmbito familiar e regional. Assim,

a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria

história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p. 22).

Neste sentido, a história oral é uma fonte, um documento que podemos utilizar para buscar as narrativas de testemunhos históricos. “Caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras reminiscências da memória” (DELGADO, 2003, p. 22), sendo este um processo vivo e dinâmico.

Desde modo, apoiando-se nos conceitos amplamente discutidos, a história oral busca focar e interpretar em suas narrativas a temática regional, ou seja, compreender os contextos históricos regionais de determinado espaço.

2.5 História regional

O estudo de História Local e Regional com o alargamento da abordagem historiográfica modifica-se, passando a ser um campo de amplo interesse de análise. Esta crescente corrente de análise da História Regional surge com a concepção metodológica da Nova História, pois passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica, bem como uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador, assim

a Nova História, em suas diversas expressões, contribuiu para renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história, na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes. A História Regional constitui uma das possibilidades de investigação e de interpretação histórica. (...) Através da História Regional busca-se aflorar o específico, o próprio, o particular (OLIVEIRA apud SILVA, 2007, p. 1).

Nesta perspectiva, a renovação da historiografia traz novos problemas e objetos a serem considerados para o estudo da História. Tornou-se factível estudar aspectos que até então não eram mencionados nas academias. Assim, o homem e suas produções passam a ser considerados produtos da História.

A nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. [...] Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. [...] O que era previamente considerado imutável

é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço (BURKE, 2011, p. 11).

Para compreendermos a temática regional é necessária a discussão conceitual sobre a História Regional. Assim, “a História Regional vai estudar o contexto histórico de determinado espaço, tomando-o como delimitação para o objeto de estudo” (HOT et al, 2015, p. 1). Assim,

uma vez que ela aproxima o historiador do seu objeto de estudo. A narrativa deixa de ser fundamentada em temas distantes para se incorporar aos fenômenos históricos da região, conseqüentemente do município. Passa existir a construção de uma história plural, sem qualquer tipo de preconceito e os excluídos passam a ter voz (SILVA, 2007, p. 2).

Nesta perspectiva, destaca-se que o espaço regional não estará necessariamente associado a um recorte geográfico, mas pode referir-se a um recorte proposto pelo historiador de acordo com seu interesse de estudo histórico

Porém, a História Regional não se desvincula de um contexto mais amplo de região, ou seja, não se pode falar de um aspecto local, sem fazer uma relação com o cenário nacional. Assim o estudo do regional analisa as diferenças e a diversidade, enfocando o indivíduo no seu meio. Deste modo,

a História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos (SAMUEL, 1990, p. 220).

Ao trabalharmos com essa abordagem de comparação e relação entre regional e nacional, é necessário estabelecermos algumas considerações. Assim o pesquisador deve ter alguma identificação com o assunto, ou seja, há a necessidade de uma relação entre pesquisador e objeto. Outro ponto a ser considerado é a questão das implicações que a história regional traz no que se refere às fontes.

Assim as evidências orais são importantes materiais para a compreensão, pois trazem novos contextos que os documentos por si mesmo não fornecem. A “história local não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de projeto histórico depende da natureza da evidência e do modo como é lida” (SAMUEL, 1990, p. 237).

Tornando-se possível não apenas o preenchimento de lacunas, mas redefine-se o que se trata na história oral. As noções dos espaços permitem-nos a compreensão das relações sociais nele desenvolvidas. Deste modo se permitindo entender as dinâmicas da vida, com as suas tensões, interações e interpretações que os indivíduos fazem. Pois,

A construção de uma localidade, por ser atividade de um grupo humano, envolve: constituição de articulações sociais (interatividade e complementaridade); de identidade cultural (sentimento de pertencimento); de especificidade do político (representações, instituições); e de conexão entre as diferentes escalas da organização social (família, classe e intercâmbios extra-grupais) (NEVES, 2008, p. 26).

Intrinsecamente no conceito de região há vários sentidos, tais como históricos e de outros campos do conhecimento. Neste sentido região assume um sentido polissêmico. Cada recorte espacial proposto para estudo, “por ser socialmente construído, revela uma diversidade de características específicas dos viveres e saberes ali praticados” (NEVES, 2008, p. 28).

Desse modo, a História Regional tem seu enfoque sobre o cotidiano de territórios locais e dos indivíduos que neles se relacionam, procurando elucidar sobre os processos de identificação regional. Assim, para isso, investiga as atividades cotidianas dos indivíduos que se conectam historicamente há um lugar, porque lhe atribuem sentimentos e pertencimento, portanto, possuindo afinidades territoriais, familiares e culturais. O conceito regional

assume um papel bastante significativo, sob a forma de cultura regional ou de regionalismo, ou de ambas. Trata-se de formas de pensar o mundo e, sobretudo, de situar-se nele em relação a outros lugares: o regional coloca-se como um elemento significativo da representação de identidade (SANTOS, 2009, p.3).

Assim uma região representa mais do que um simples espaço, transforma-se em local de desenvolvimento das formações sociais e individuais. Nesse sentido, região constitui certo espaço, parte de um todo, simbolizados através dos valores que remetem à individualidade deste espaço. Ou seja, compreendemos região como local de ação dos sujeitos, onde eles constituem seu cotidiano.

Na sequência, levando-se em conta os conceitos analisados, abordar-se-á o contexto da estrutura arquitetônica, dando ênfase a três aspectos, como o contexto

regional e local, os usos e funções da casa e para, além disto, seu papel na preservação de memórias e costumes, através da perspectiva patrimonial.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA

A área onde se localiza o objeto de estudo, - estrutura arquitetônica- (Figura1), compreende a localidade de Arroio Alegre, cerca de quinze quilômetros da sede do Município de Sério/RS a qual pertence (Figura 2). De colonização predominante de imigrantes alemães e desde o ano de 1992 emancipado do Município de Lajeado. Sério/RS fazdivisa com os municípios de: Forquetinha a Leste, Santa Clara do Sul a Sudeste, Venâncio Aires a Sul e Sudoeste, Boqueirão do Leão a Oeste e Canudos do Vale a Norte.

Figura 1: Casa da Família Hepp, data de construção: 1953



Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer, 2015.

O Município de Sério/RS é uma região geopolítica fixada no Vale do Taquari, que se localiza na região Centro-Leste do estado do Rio Grande do Sul. Segundo o censo preliminar realizado pelo IBGE, em 2010, a população do Município de Sério era de 2.281 pessoas.

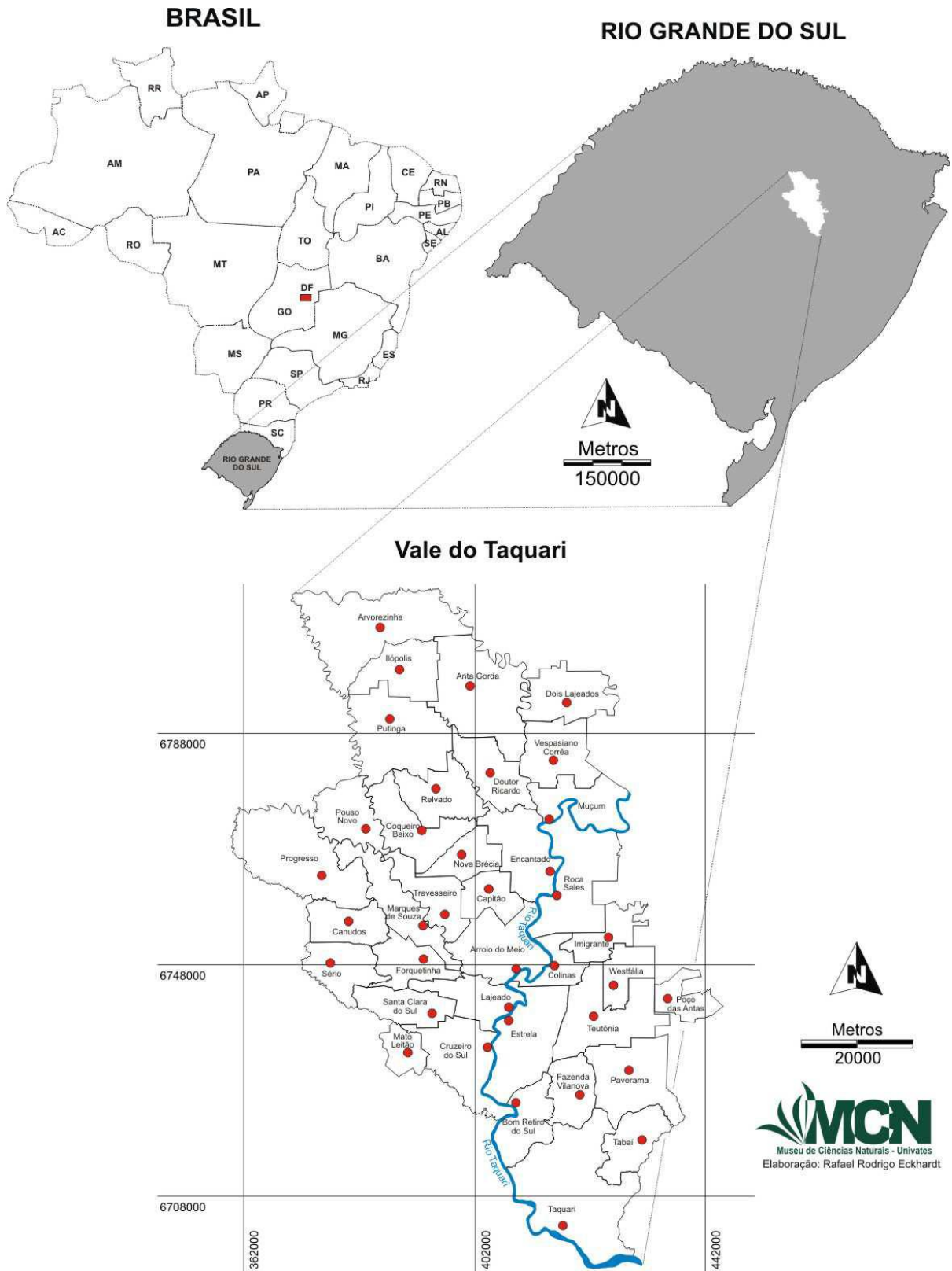
Segundo Eckhardt (2005, p. 22) a maioria dos municípios do Vale do Taquari (Figura 3) tem sua economia baseada na atividade primária, principalmente baseada na atividade agropecuária de cunho familiar. Sendo exceção alguns municípios localizados às margens do Rio Taquari, com destaque para Lajeado, Estrela, Taquari entre outras cidades, que apresentam elevado desenvolvimento industrial e comercial.

Figura 2: Visão aérea da estrutura arquitetônica



Fonte: Adaptado do Google Maps, 2018.

Figura 3: Mapa de localização do Vale do Taquari



Fonte: ECKHARDT, 2005.

3.1 Contexto regional e local

O território do Rio Grande do Sul foi colonizado por imigrantes a partir do século XIX, essas famílias de origem européia estabeleceram-se em solo gaúcho em diferentes ondas migratórias. Sendo que,

a ocupação do Rio Grande do Sul ocorreu em épocas diferentes. O extremo Sul do Estado foi à primeira parte a ser ocupada, no período colonial, tendo como atividade predominante a pecuária extensiva, que, mais tarde, permitiu a instalação de indústrias de transformação da matéria prima local. O extremo Norte foi ocupado, no período imperial com os fluxos migratórios vindos da Europa, mais especificamente da Alemanha, que se instalaram nos Vales do Jacuí, Sinos, Pardo, Taquari e Caí (BARDEN; AHLERT, 2003, p. 2).

Deste modo, o processo de estabelecimento de imigrantes, primeiro vindos da Alemanha e mais tarde da Itália, modificou profundamente o panorama demográfico, espacial, econômico e cultural do Rio Grande do Sul. Possibilitando que ocorresse na região do Vale do Taquari no início do século XX, a partir das políticas de povoamento, um período de desenvolvimento solidificado pela agropecuária que se dedicavam os imigrantes.

Estabelecendo-se em pequenas propriedades coloniais que se dedicaram à produção de subsistência (lavoura e pecuária), ou seja, baseado em um sistema de produção familiar e com características de pequena propriedade. A agricultura familiar que se desenvolveu no Rio Grande do Sul representou a maior parcela de postos de trabalho no meio rural. Pois,

a reprodução social e econômica dos chamados colonos dava-se inicialmente, mediante o desenvolvimento de um sistema produtivo de caráter semi-autônomo, baseado no trabalho da família e na produção principalmente para o auto-consumo. As práticas produtivas visavam especialmente à subsistência da família (...). Na medida em que foram sendo desenvolvidos canais de comercialização, transporte e comunicação a interação dos colonos com a sociedade é ampliada (COLE, 2003, p. 2).

Deste modo, houve a intensificação das atividades agrícolas e pecuárias nas regiões rurais, sendo que

mais tarde, com a expansão das atividades agrícolas, surgiram excedentes que propiciaram o início do comércio local e da exportação para outros estados da federação. A intensificação de atividades agrícolas com

produção de excedentes ampliou as possibilidades do comércio, gerando acumulação de capital (BARDEN; AHLERT, 2003, p. 4).

Nesse sentido, os excedentes gerados tanto para o abastecimento familiar como para o do mercado interno, proporcionaram a criação de um setor complementar à economia nacional. Sendo as principais culturas que geraram excedentes: o feijão, abataata e o milho. Assim,

a economia gaúcha no período de 1939-70 foi caracterizada pela manutenção da base econômica agro-pastoril, apesar de ter experimentado um processo de industrialização como o restante do país, através do processo de substituição de importações (BARDEN; AHLERT, 2003, p. 15).

Esta atividade comercial que se estabeleceu entre a zona metropolitana da capital gaúcha com a zona colonial, em que se inseria o Vale do Taquari, foi primordial para o processo de industrialização do estado. Nesse contexto, as atividades industriais vinculavam-se à grande oferta de matéria-prima regional, à mão de obra imigrantes ao capital gerado pelo comércio de produtos provenientes do excedente da agricultura de subsistência.

As colônias do Vale do Taquari passaram por ciclos econômicos de maior prosperidade na primeira metade do século XX, com o ciclo da banha e a produção de suínos. Essa prosperidade econômica se reflete nas construções arquitetônicas, que assumem uma preocupação estética no processo de construção, deste modo as casas tornam-se frondosas e imponentes, destacando-se na paisagem do meio rural.

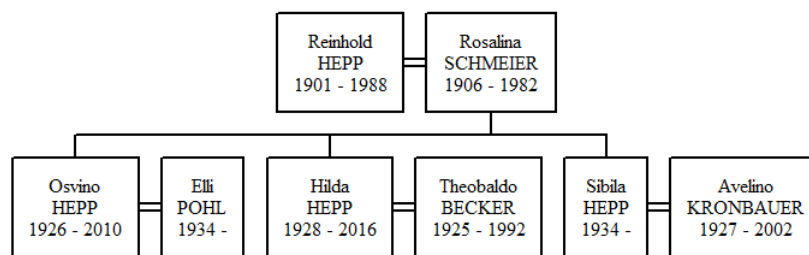
3.2 Processo de construção, usos e funções da casa

Neste contexto de prosperidade econômica agropecuarista que o Vale do Taquari estava inserido, Reinoldo Hepp e sua Esposa Rosalina Hepp (Anexo I) juntamente com seus filhos (Figura 4) adquirem uma área de terra, onde se estabelecem em um sistema de agricultura familiar, no ano de 1931. Segundo documentos (Anexo II), a área de terra possuía vinte e três hectares e novecentos metros quadrados (23ha e 900m²) na Picada Arroio Alegre, pertencente ao quarto distrito de Lajeado.

Sobre as terras adquiridas havia uma casa de material integrada à propriedade bem como as demais benfeitorias. Essa área de terra foi adquirida através da compra e venda com o senhor Leopoldo Nied e sua esposa Alvira Nied, em julho de 1931, pelo montante de cinco contos, setecentos e noventa mil reis (5: 790 \$000).

Figura 4: Família de Reinoldo e Rosalina Hepp

Descendants of Reinhold HEPP



Fonte: Acervo pessoal Jeferson Schaeffer. Produzido a partir do programa Family Tree Maker.

No ano de 1937, conforme documento de compra e venda (Anexo III) Reinoldo e sua esposa compraram mais três hectares e oitocentos e dois metros quadrados (3ha e 802m²) de terra, em forma triangular situadas em Picada Arroio Alegre de Gerardo Jacob Hoppen e sua esposa Maria Josephina Hoppen. Localizada pelos fundos e por um lado com a Estrada Geral e pelo outro lado com terras do comprador.

Conforme descrito acima, no documento de compra e venda da área de terra, no ano de 1931 estava erigida no local uma casa de material, descrita segundo relato de Paulo Hepp, sobrinho de Reinoldo Hepp, como uma “dessas casas velhas, essas de armação tudo de madeira (...) a estrutura é de madeira, a escora e o resto eram de tijolo” (Paulo Hepp, 2018).

Desta forma, descrevem-se elementos que ressaltam características das habitações construídas por imigrantes alemães e seus descendentes. Esta técnica construtiva é conhecida na arquitetura como Enxaimel. Este estilo arquitetônico foi bastante recorrente nas colônias alemãs, caracterizando-se da seguinte maneira:

O Enxaimel, ou Fachwerk, é uma técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas. Os espaços são preenchidos geralmente

por pedras ou tijolos. Inicialmente era construído o esqueleto da casa, todo de toras grossas de madeira. Entre as vigas verticais eram colocadas as horizontais e, nas extremidades das paredes, algumas em ângulo, para evitar inclinação. Pronta a "caixa", os espaços eram completados com tijolos à vista, ou outro material que estivesse disponível (BALLER, 2008, p. 69).

Assim a primeira casa com estilo enxaimel (Figura 5), mencionada acima, foi demolida para a construção de uma nova. Este processo é relatado pela neta de Reinoldo Hepp,

mas eu não sei onde era essa outra casa, tava mais ou menos por ali aquela outra casa, mas eu acho que o avô e a avó derrubaram aquela casa e foram morar na casinha que tem ali atrás e acho que a casa tava podre, aquela outra por isso a derrubaram (Romi Kronbauer Schaeffer, 2018).

A construção desta nova casa se inicia por volta do ano de 1953, após a demolição da antiga, sendo chamados os construtores, que segundo relatos de Sibila Hepp Kronbauer, filha de Reinoldo Hepp e Elli Hepp casada com Osvino Hepp, também filho de Reinoldo Hepp, eram “os filhos de Olimpino Dalla Barba”. Deste modo,

os pedreiros [Dalla Barba] fizeram um desenho de uma planta e pediram, Reinoldo se estiver da forma que vocês querem, e eles concordaram. E no dia seguinte já começaram a construir (Sibila Hepp Kronbauer, 2018, grifo nosso).

Figura 5: Comemoração de 25 anos de casados de Reinoldo e Rosalina Hepp na casa em estilo enxaimel



Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer.

A localização para a construção da nova casa foi o mesmo espaço em que estava anteriormente à velha casa construída pela Família Becker neste local por causa das enchentes, segundo Sibila Hepp Kronbauer (2018), “a família Becker morava em uma casa perto do arroio, por causa das enchentes construíram uma casa mais para cima”. Estas terras que mais tarde foram vendidas com a casa e as benfeitorias, que conforme documento (Anexo II) no ano de 1937 a família Hepp adquire.

Quanto à escolha do local de construção da nova casa, o receio das enchentes foi um dos fatores que influenciaram na decisão, porém conforme relata Sibila Hepp Kronbauer (2018) “o local foi escolhido, pois não tinha o que fazer, não tinha máquinas e os meninos do Olimpio construíram ali”. Assim a família Hepp levou em consideração o que os construtores orientaram.

A construção da nova casa foi dispendiosa, ou seja, sendo necessária uma mão de obra construtiva qualificada e materiais de qualidade. Neste sentido, os relatos da família nos trazem novas informações sobre o processo de construção e a procedência do dinheiro para construir, pois segundo a neta de Reinoldo e Rosalina, “pelo que a avó contava, eles planejaram e pouparam, não sei não, foi mais de vinte anos pra juntar dinheiro pra construir aquela casa (Ilse Maria Hepp Verruck, 2018).

A filha do casal relata que “tinha dinheiro suficiente para construir a casa daquele tamanho, porque nunca faltou dinheiro, eles saíam pouco e pouparam bastante (...). Trabalhou, tinham bastante vacas, vendiam leite” (Sibila Hepp Kronbauer, 2018).

Mas conforme relatos, a picada de Arroio Alegre “era uma picada de gente pobre, meu tio era o mais rico. Aí todo mundo se admirou que construíram uma casa assim” (Paulo Hepp, 2018).

Esses relatos elucidam alguns fatos do processo de construção, principalmente no que diz respeito ao aspecto econômico, pois se pode comprovar que a família Hepp teve uma preocupação em juntar dinheiro para construir uma casa que para os padrões da época era bastante vistosa.

Além de possuírem animais, que possibilitaram a subsistência da família e a venda de excedentes, como o leite, viabilizando o acúmulo de recursos para a construção do novo imóvel.

No processo de construção da nova estrutura, houve uma preocupação e rigorosidade no que diz respeito à qualidade dos materiais, pois, “ela [Rosalina

Hepp] sempre dizia que foi para Forquetinha encomendar as pedras, que ela queria pedras que fossem feitas na época de verão, porque na época de inverno elas não iam durar tanto” (Ilse Maria Hepp Verruck, 2018, grifo nosso).

A estrutura arquitetônica foi erigida levando-seem conta vários aspectos, dentre estes podemos observar quanto à questão estética (Figura 6 e Figura 7), ou seja, é uma residência que teve certo cuidado na parte estética, em sua formalidade. Pois se observa que o local de sua construção estava afastado dos grandes centros urbanos.

Figura 6: Elementos estéticos: pintura das paredes internas, na direita pintura de ladrilhos nas paredes externas (rodapé e roda forro)



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Figura 7: Detalhes da balaustra da varanda, na direita, detalhes decorativos da varanda



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Neste sentido, pensando na estética da casa e na caracterização do estilo arquitetônico da residência, buscou-se através do arquiteto e professor Augusto Alves a conceituaçãodo estilo da edificação:

via de regra podemos enquadrar essa casa em uma tradição vernácula. (...) Tradição vernácula de construtores, de uma tradição construtiva que não segue necessariamente um estilo arquitetônico, não segue uma filiação estética propriamente dita. Assim, não é uma arquitetura feita por um arquiteto. Traz elementos de estilo, de arquitetura apesar de não ser uma arquitetura plenamente erudita, a gente vê é que ela não é mais uma daquelas primeiras gerações das casas, que eram da técnica em enxaimel (Augusto Alves, 2018).

A arquitetura vernácula diz respeito a uma “arquitetura sem genealogia nominal e caracterizada por constituir um gênero construtivo homogêneo, perfeitamente identificado em termos de cultura, meio e época” (SILVA, 1994, p. 124). Desta forma, vernáculo é uma arquitetura sem arquitetos, caracterizada pela forma espontânea ou popular de construção.

A arquitetura vernácula tem historicamente apresentado exemplos de adequação inteligente às particularidades climáticas de diversas regiões do mundo. Caracteriza-se como uma obra com características constantes, que possui autenticidade na sua expressão, e, ao mesmo tempo complexa e conservadora (...). O Rio Grande do Sul apresenta uma ampla diversidade com relação à produção da arquitetura vernácula. Esse fato se deve, entre outros, às diferentes fases e culturas diversas que protagonistas do processo de ocupação do território deste estado (HEUSER, 2010, p. 1835).

Assim, o vernáculo é uma técnica mais nacional, desenvolvida por construtores que

eram mestres de obras que tinham um conhecimento todo que era aprendido, passado de geração, de mestre para aprendiz. Um conhecimento bastante sólido. Pode-se ver que a casa foi muito bem construída: a alvenaria, os forros, telhados, aparte de carpintaria, a parte de piso. Então dá para perceber que ela tem um cuidado, um rigor construtivo, uma qualidade construtiva inclusive de materiais também. E do ponto de vista formal a gente percebe que ela possui algumas linhas retas, alguns poucos elementos de decoração que revelam um estilo Art déco³ (Augusto Alves, 2018).

Os construtores, Dalla Barba, assimilam alguns elementos de arquitetura tradicional, adaptando aos seus métodos construtivos, esses passados de geração em geração. Possibilitando técnicas únicas, que se adaptam conforme as

³Weimer define art déco como um chamado “estilo”. De uma forma ainda mais objetiva, concluímos que ela nem poderá ser chamada de “arquitetura” posto que era concebida como sendo uma construção destinada a sustentar realizações artísticas, muito próximas à concepção positivista de uma construção técnica que, na medida das possibilidades de disposição do proprietário, poderia receber adereços e enfeites destinados a ostentar a riqueza e demonstrar o poder financeiro do proprietário (WEIMER, 2010, p. 10).

especificações de construção bem como fatores que externam como o terreno, o clima e materiais. Neste sentido, uma das netas de Reinoldo e Rosalinda relata que a casa,

é levantada com terra, não é levantada com cimento como hoje se constrói, ela é levantada com terra. Eles amassaram a terra com água e aí construíram, depois passaram uma massa por cima de cimento, por fora e por dentro foi cimentado. Mas assim ela foi construída de terra. Olha a gente nem tem noção de quantas carroças a vó levava, e para uma mulher naquela época com cinquenta anos (Ilse Maria Hepp Verruck, 2018).

Observam-se ainda outros elementos na construção da casa, estes que eram bem recorrentes na época. Como o uso da Escaiola⁴ no interior da cozinha, que substituía os azulejos. E a técnica de Chapisco, um revestimento externo característico da época, conferindo uma textura rugosa nas paredes externas da casa, que além de elementos de decoração davam maior durabilidade à pintura.

Figura8: Detalhes da construção, o uso de terra e água para a edificação das paredes. Ao centro detalhe da Escaiola na cozinha, na direita parede externa com chapisco



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Neste sentido, a construção arquitetônica além dos seus valores estéticos possuiu divisões espaciais de acordo com seus usos e funções (Figura 10). Estes se enquadram no ponto de vista da funcionalidade dos seus ambientes, havendo certos padrões e tipologias recorrentes das casas da época.

Sendo composta de ambientes externos e internos de convivência familiar e social. Desta forma, então, serão descritos elementos compositivos quanto suas

⁴Ungericht define escaiola ou escariola como um revestimento que “consistia na aplicação de uma argamassa especial de cal e cimento branco sobre paredes já rebocadas e fornecia um acabamento fino, polido e resistente. Muito utilizada no século passado para revestir cozinhas, banheiros, quartos hospitalares e corredores, a Escariola concorria com outros tipos de revestimentos pela sua beleza, fácil higienização e baixo custo de manutenção” (UNGERICHT, 2002, p. 1).

funcionalidades presentes da estrutura arquitetônica, coletados através de relatos orais.

Assim, o acesso principal da casa é “por meio de uma escada, que acaba funcionando como um elemento estético cênico que marca a entrada da casa” (Augusto Alves, 2018). E que segundo relatos quem auxiliou na construção desta escada (Figura 10) foi Rosalina Hepp,

A vó puxava terra pra casa de carroça, a minha avó Rosalinda, ela cangava os bois e ia lá no arroio pegar terra com pá e levava para casa porque aquela escada enorme ela é toda, toda preenchida de terra. E ela trabalhou dias e dias ali (Ilse Maria Hepp Verruck, 2018).

Pois segundo Sibila Hepp Kronbauer, “uma casa grande, precisa de uma escada grande, foi isso que os Dalla Barba falaram”. Assim, os dois relatos demonstram um cuidado estético na construção da casa, onde não se mediram esforços para construir uma casa bonita. Após a escada,

Chega-se na casa por meio dessa varanda que é um componente estético bonito compositivo, que está bem ao centro da casa, dá esse elemento compositivo de destaque, que marca a entrada. Que dá certa hierarquia, imponência, mesmo sendo uma residência (Augusto Alves, 2018).

Figura9: Escada de acesso à casa e à varanda



Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer, 2015.

Inúmeras são as funções desempenhadas pelos cômodos da casa no cotidiano doméstico, são espaços de convívio, descanso e trabalho. Conforme a distribuição da casa (Anexo VIII e Anexo IX), a mesma possui três quartos onde sua funcionalidade principal é o descanso. A parte dos fundos composta pela cozinha,

área de serviço e sala de jantar caracterizam-se por serem ambientes do cotidiano. Ou seja, espaços de maior permanência devido aos seus usos.

Na casa observam-se elementos estruturais que são heranças construtivas de moradias mais antigas. Como o volume anexo (Figura 10), colocado externo ao volume principal como espaço de apoio, sendo conectado na casa por meio de uma varanda, encontrava-se nesse volume de apoio, geralmente o forno, algum outro ambiente de depósito, a cisterna.

A presença dessa varanda interna (Figura 11), sendo ela um ambiente de conexão entre dois volumes, um espaço aberto – coberto. Que faz a ligação da casa com as áreas externas, as benfeitorias e o pátio, sendo utilizado como acesso principal da casa, na rotina do cotidiano doméstico.

O uso do porão na arquitetura brasileira, a partir da primeira metade do século, XIX assume elementos do neoclássico, que juntamente com a vinda da coroa portuguesa trouxe um refinamento de hábitos. Portanto, durante o período colonial brasileiro as casas eram rudimentares, com seu piso interno de terra batida.

As edificações passaram a apresentar o porão elevado (Figura 12), principalmente para preservar o piso, que passou a ser um assoalho de madeira. Outra função dessa elevação foi conferir elementos de imponência para as estruturas, além de o porão servir para diversas atividades, como o armazenamento de materiais e utensílios.

Figura 10: Marcas deixadas pelo uso de uma mesa na parede da cozinha. Ao centro cisterna de abastecimento de água e ao lado imagem do forno



Fonte: Acervo da autora.

Figura 11: Varanda interna utilizada como volume de apoio



Fonte: Acervo da autora.

Figura 12: Vista da elevação que o porão proporciona a casa. Ao lado imagens do interior do porão



Fonte: Acervo da autora.

Neste sentido, a

atividade doméstica é a que mais guarda de modo ativo a casa, pois une o passado mais recente e o futuro mantendo, assim, seguro o ser humano. E o quarto em grau superior é o que conserva a intimidade do ser, pois esse cômodo da casa é o espaço mais íntimo da residência que habitamos, colaborando até mesmo na descoberta de quem somos verdadeiramente (COSTA, 2015, p. 32).

Assim a casa esta ligada aos acontecimentos do vivido,

A vida cotidiana é vivida por todos, sem exceção. As pessoas participam da vida com todos os seus aspectos desde o nascimento, portanto, é a vida de cada um individualmente, como também com um grupo. Assim, nas relações cotidianas as pessoas não só agem como também são influenciadas por outros. No cotidiano dá-se a interface do ser humano com o seu ambiente – resultado de usos, atitudes e desejos. É preciso resgatar o sentido subjetivo que se imprime nas relações (BISPO; OLIVEIRA, 2007, p. 76).

Pois “todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1993, p. 25). A possibilidade de o espaço doméstico assumir o papel de objeto material para rememorar lembranças, configura-o como um objeto de estudo privilegiado.

Para desenvolver uma abordagem analítica profunda no estudo da casa, devem ser levados em conta todos os matizes que estão presentes na vida cotidiana, “é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo” (BACHELARD, 1993, p. 24). “Os cômodos, principalmente naqueles em que ficamos só, além da própria casa, contribuem para vir à tona as lembranças e sonhos de tempos passados, formando, assim, uma casa onírica a qual é uma casa de sonhos e lembranças” (COSTA, 2015, p. 32).

Desta forma, a estrutura arquitetônica fornece representações e imagens que “privilegiam os valores da intimidade do sujeito que ahabita, tornando uma espécie de projetor do ser humano” (COSTA, 2015, p. 30).

A casa vai refletindo essa transformação dos hábitos familiares, culturais, as transformações sociais e as formas de usar, passando a representar apegos e lembranças nos indivíduos.

Figura: 13: Ao fundo se observa a estrutura arquitetônica e suas benfeitorias, em meados de 1990



Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer. (Netas de Reinoldo e Rosalina Hepp. Da esquerda da foto Ivete Kronbauer Fontaniva, ao centro Célia Kronbauer, e a direita Romi Kronbauer Schaeffer).

Neste sentido de transformações, observa-se uma característica única nesta estrutura arquitetônica, pois a mesma se mantém original desde sua construção no ano de 1953. Não havendo melhorias, como a instalação de luz elétrica e água encanada. Dessa forma, os relatos foram imprescindíveis para analisarmos essa característica. Pois,

a luz veio em setenta, mas no caso da nossa avó ela nunca chegou a ver a luz elétrica, ela não teve. Eles eram muito contra isso, eles achavam que isso era o fim sabe, era a água encanada assim dentro da casa e a luz, principalmente a luz. Eles nem queriam que o fio passasse na terra deles, que achavam que aquilo seria um perigo. Que alguém ia morrer por causa disso (...). Não é por eles não ter dinheiro, eles tinham um monte. Eram as pessoas que mais tinham dinheiro na localidade (Ilse Maria Hepp Verruck, 2018).

O vô não queria, simplesmente não queria (...), não era por falta de dinheiro. Dinheiro o vô tinha, mas o vô não quis pegar água e nem a luz. Eles tinham a cisterna e nunca faltou água por mais seca que tinha a água ali não terminava (Romi Kronbauer Schaffer, 2018).

À vista disso, percebe-se que não houve interesse por parte de Reinoldo Hepp em adquirir luz e água, uma melhoria que em sua concepção era algo perigoso e desnecessário. Sendo que estes fatores, somados com problemas de partilha na herança⁵ faz com que a estrutura arquitetônica esteja no presente momento em desuso. Neste sentido,

se a casa está com alguém que não é da família me parece que não é mais aquela mesma coisa, porque daí perde o sentido. E pra mim teria uma relevância muito grande se essa casa ficasse na família e que pudesse dar seqüência a essa história (Jéferson Schaeffer, 2018).

Mas se preserva ela assim, ela podia estar melhor de como ela tá. O meu sonho é sabe, de arrumar ela, vim aqui de fim de semana (...). Isso era bonito (Célia Kronbauer, 2018).

Pra reformar precisa se todo mundo, mas tem uns que não queriam ajudar (...). Mas a casa da vó se arrumar ela, eu acho que é pra vida inteira (...). Onde tu pode pegar uma casa que nem a da vó, tu pode ir longe (...), ter uma casa que nem a da vó antiga de tantos anos, quero ver se ela ta do jeito que nem essa casa (Romi KronbauerSchaeffer, 2018).

⁵Conforme demonstra documento (Anexo IV) de partilha amigável do ano 1982, com o falecimento de Rosalina Hepp, seu marido Reinoldo Hepp fica aos cuidados de sua filha Sibila Hepp Kronbauer. As terras são divididas igualmente entre os três filhos do casal Hepp, Osvino Hepp, Hilda Hepp Becker e Sibila Hepp Kronbauer, sendo que esta ganha à casa de alvenaria. Reinoldo Hepp recebe o usufruto das terras (Anexo V) e da casa conforme documento de 1982. Com o falecimento do mesmo, no ano de 1988 o documento de usufruto é cancelado (Anexo VI). Passando a valer novamente a partilha amigável feita em 1982 (Anexo IV). Surgem problemas na divisão da herança, mas estes estão relacionados aos descendentes de Sibila Hepp Kronbauer (Anexo VII).

Assim, procurou-se analisar as representações e significações da estrutura arquitetônica, levando em consideração os indivíduos envolvidos, o apego e as lembranças que possuem do Lugar.

4 LUGAR VELHO: REPRESENTAÇÕES E SIMBOLOGIAS

A casa como estrutura arquitetônica e como espaço de habitar, é um espaço que se apresenta como herança de variados fatores históricos e sociológicos ligados às concepções arquitetônicas e às vivências do espaço pelo habitante. As relações com o espaço projetado e o espaço vivido. Para a “arquitetura as suas inúmeras concepções variam segundo diversos contextos ligados à cultura e aos hábitos de uma determinada sociedade” (FLAMÍNIO, 2006, p. 252). Pois

cada cultura é, ao mesmo tempo, fruto e criadora do contexto político, econômico e social que a circunda. Uma vez que todos estes parâmetros se encontram por definição em constante oscilação, a cultura, em consequência, sofre permanentemente processos de transformação, que, vice-versa, podem ter influência significativa nesses parâmetros (GRIENEISEN, 2013, p. 47).

As habitações construídas no Brasil, ao longo de três séculos, foram sendo transformadas para melhor se adaptarem às diversidades regionais. Assim,

no Brasil as casas populares diferem uma das outras, principalmente, pelas circunstâncias da sua localização. Num país tão grande, que recebeu imigrantes de todo o mundo, é a geologia, o clima e a vegetação, além da economia, dos modos de produção e das culturas que condicionaram as tipologias de implantação (BARRETO et al, 2010, p. 58).

Deste modo, na medida em que os imigrantes germânicos se instalavam no território rio-grandense, eles se adaptavam ao lugar ao mesmo tempo em que preservavam alguns elementos morfológicos e tipográficos no que diz respeito à construção de suas casas. Estas que adquiriram características únicas devido a influências de fatores específicos, que se encontram inerentes ao tempo, lugar e relações com o meio. Sendo que,

a arquitetura é uma das formas de expressão cultural mais óbvias, sendo visível para todos e geralmente de longa duração. E muitas vezes ela reflete comportamentos sociais e estruturas de poder e prosperidade econômica, o conhecimento desses aspectos pode servir na identificação e compreensão (...) de uma cultura (GRIENEISEN, 2013, p. 47).

Conseqüentemente, todos estes fatores propiciam a análise do espaço casa para além de sua racionalidade e funcionalidade, permitindo-se pensar acerca dos usos que os habitantes fazem desse espaço e o significado que ele adquire na vida do sujeito.

A casa pode caracterizar-se como um espaço que expressa a identidade do indivíduo, suas crenças e valores. Esse sistema de crenças pode ser definido como um conjunto organizado de ideias que estão implícitos no cotidiano através das experiências individuais.

Assim a casa é antes de tudo um refúgio, um abrigo do mundo e das concepções sociais. O significado que cada sujeito atribui a casa, o lar, assume diferentes características, estas dinâmicas e multidimensionais.

Pois a casa é nosso contato do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente é bela (BACHELARD, 1993, p. 200).

Em vista disso, esse espaço de habitar, que acompanha o indivíduo, objeto que remete proteção e local de permanência. Quanto mais o indivíduo modifica o esse espaço e dele se apropria, mais o habita. Assim,

a vida reside, habita, mora, aloja-se, não consegue passar sem um lugar. Dir-se-ia que ela desenha e codifica a sua definição; entendo por esta última palavra aquilo que ela diz a sua etimologia: a atribuição de limites ou de fronteiras, abertas e fechadas [...]. Diz-me onde habitas e dir-te-ei quem és (SERRES, 1994, p. 40).

Os valores relacionados ao abrigo, a casa, são simples, mas profundamente enraizados no inconsciente, que acessamos com maior facilidade esse vínculo quando evocamos memórias e lembranças, do que por uma descrição minuciosa do espaço. Deste modo,

o passado, o presente e o futuro dão a casa diferentes dinamismos que freqüentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus

conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma (BACHELARD, 1993, p. 201).

Assim não apenas nossas lembranças, mas nossos esquecimentos se alojam na casa. Ao rememorar encontram-se narrativas das histórias individuais e familiares. Ancoramos imagens, pois “quando falamos de imagens, devemos considerar que essas funcionam como símbolos repletos de significados, que embora não pertençam a uma linguagem propriamente discursiva, expressam ou geram conceitos” (CRUXEN, 2009, p. 250).

Desta forma busca-se analisar a estrutura arquitetônica em seu caráter afetivo e simbólico, como uma imagem projetada pelos familiares e pelas representações atribuídas à estrutura.

4.1 Caráter simbólico

O ser humano se comunica com seu semelhante sob várias formas de linguagem, sendo uma das mais antigas a linguagem verbal, porém o uso da linguagem não verbal, que se constitui através de gestos, símbolos, e sinais como um recurso para a análise de fatos históricos, sociais e culturais, vem se tornando frequente no campo da pesquisa. Através da interpretação da semiótica⁶ busca-se compreender tudo aquilo que é produzido, podendo ser interpretado.

Deste modo, a semiologia permite analisar fenômenos culturais, sejam estes ligados às linguagens verbais ou não-verbais. Pois parte-se do pressuposto que todos estes fenômenos são sistemas de signos, ou seja, signo é “aquilo que representa algo ou alguma coisa para alguém” (NETO apud ROCHA, 2002, p. 72).

Em outras palavras a semiótica tem por tarefa compreender a função dos signos⁷ que é de se comunicar através de sentidos. O signo, enquanto objeto fala, mas se expressa de forma diferente para cada sujeito e em momentos diferentes.

⁶A semiótica é a ciência dos signos, e a ciência de toda e qualquer linguagem; tem por objetivo analisar como se estrutura a linguagem de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido (MESQUITA, 1997, p. 156). E segundo Rocha (2002, p. 71) no século XX, relacionadas à comunicação e à linguagem, surgem duas ciências a Linguística, ciência da linguagem verbal, e a Semiótica, ciência de todo o tipo de linguagem, seja da verbal, a que é vinculada pela língua, ou a não verbal, constituída de símbolos, sinais, elementos arquitetônicos.

⁷O signo, por definição, é algo ou alguma coisa que está no lugar de outra coisa. Este algo é a representação de algum aspecto ou capacidade segundo o ponto de vista, a partir do qual, o objeto é recortado de um determinado contexto(...). O signo é composto de um significante, que constitui o

Isto porque a leitura de cada um dos atores sociais depende do conhecimento, do envolvimento emocional que tenha com o signo, seja ele uma rua, uma praça, um prédio, um monumento, uma cidade, uma pessoa, [uma casa]. A leitura poderá trazer sentimentos de amor, de carinho (...), ou de ódio, de medo, de ressentimento (...). Essas reações surgem a partir da percepção e leitura de signos, objeto de estudo da Semiótica (ROCHA, 2002, p. 72).

Ao estudarmos a estrutura arquitetônica percebemos mensagens, lembranças e usos inseridos em um contexto não verbal que precisam ser interpretados, são esses elementos que constituem os signos.

Deste modo a arquitetura se caracteriza por um dualismo, pois cumpre funções e expressa valores. Ou seja, a estrutura arquitetônica estudada pode ser definida pela sua função de habitação, sendo esta uma necessidade imediata e específica. Sendo o simbolismo da estrutura constituído posteriormente, com o manuseio e uso pelos indivíduos. Assim,

um símbolo é uma representação, mas não uma reprodução. Enquanto uma reprodução implica igualdade, um símbolo é capaz de evocar a concepção do objeto que ele representa devido, por exemplo, a características em comum, como é o caso da aliança, símbolo do casamento, ou dos pratos de uma balança, símbolo da ideia de justiça (RIBEIRO, 2010, p. 47).

Os lugares são repletos de símbolos, estes entendidos como “projeções culturas, reflexos da sociedade, pois evocam e comunicam realidades” (CRUXEN, 2011, p. 250). Deste modo, “através dos símbolos, objetos comuns adquirem ilimitáveis novos significados” (RIBEIRO, 2010, p. 47). Ou seja,

um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós (JUNG, 1977, p. 20).

Conforme o que foi descrito acima, a estrutura arquitetônica constitui-se em um símbolo, pois representa uma imagem familiar e do cotidiano, mas que assume “conotações especiais”. E ao representar, cria e recria reflexos culturais e individuais em um processo constante e contínuo. Deste modo,

plano da expressão, e de um significado, que é o plano do conteúdo, [uma representação] (MESQUITA, 1997, p. 156, grifo nosso).

nossas habitações são o exemplo de nossas representações mentais e sociais e como tal representamos com a linguagem esses espaços. Aqui arquitetura e semiótica se confundem: nossas edificações falam por nós. Os reis moram em palácios, os simples em choupanas. Há aqueles que não têm eira, nem beira e ainda os que têm tribeira. Mas todos guardam dentro de si um estereótipo de uma casa que tanto pode denotar abrigo, como conotar lar, família, fraternidade (MONTEIRO, 2006, p. 22, 23).

Esses lugares, entendidos neste trabalho como estruturas arquitetônicas, são repletos de símbolos, estes percebidos como “projeções culturais, reflexos da sociedade, pois evocam e comunicam realidades” (CRUXEN, 2011, p. 250). Assim,

a simbologia não se restringe aos centros de bemquerência, afetividade, despojamento experiência. Os espaços – vastos, estranhos, desconhecidos e “distantes” – bem como os “deslugares” – monótonos repetitivos – reúnem igualmente símbolos de grandezas variadas. (...) Lugares e símbolos adquirem profundo significado, através dos laços emocionais tecidos ao longo dos anos (MELLO, 2008, p. 167).

Os lugares são forjados e compartilhados, “um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar” (MAREEI apud MELLO, 2008, p. 167). Sendo que os significados atribuídos aos objetos ocorrem através das experiências individuais com o mundo exterior e interior.

Assim sendo, o ser humano somente consegue perceber o espaço através de suas experiências com ele próprio, o espaço, através de sua interação com o meio em que se insere. Esse constituinte, o meio, é de fundamental importância no processo de percepção e apreensão do espaço (MONTEIRO, 2006, p. 52).

Em conformidade com o enunciado acima, os

símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são transitórios, outros imorredouros. Mas permanecendo sendo construídos ou esquecidos pelos indivíduos e grupos sociais nos mais diversos lugares, espaços e “deslugares” (MELLO, 2008, p. 173).

E levando em consideração as relações estabelecidas pelas práticas concretas e simbólicas que ocorrem entre o indivíduo e o meio no qual ele se insere, observa-se que tudo isso,

cria um mosaico de representações sociais. Estas representações estão estruturadas nos discursos de interpretação, significação e valoração do ser humano ao entorno em que ele vive. Assim há formas peculiares de representações sociais de acordo com o âmbito as quais estas estão vinculadas (...). De uma forma geral poderíamos abranger esta conceituação para o campo da cultura, como a agregação de todas as práticas carregadas de sentido, que permeiam a nossa existência (ARAÚJO; JÚNIOR, 2012, p. 88).

A cultura⁸ constitui-se de um conjunto de experiências vividas, resultantes dos símbolos e suas representações, que possibilitam que o indivíduo acesse processos permanentes de construção de suas coletividades e o sentido de pertencimento do seu lugar⁹. Pois,

todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos (...). Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano (...). O comportamento humano é o comportamento simbólico (WHITE apud LARAIA, 2001, p. 55).

Deste modo estrutura arquitetônica transfigura-se em testemunho histórico material, tanto pela sua funcionalidade quanto pelos símbolos que são atribuídos a ela. Convertendo-se em um meio de transmitir ideias e relatos carregados de significação. Forma, função e mensagem, aqui traduzidas em lembranças e apegos, são valores inseparáveis que devem ser considerados no momento de interpretar a casa.

Na escala íntima, a restauração dos símbolos do passado perpetua-se no movimento memorialístico, nas lembranças das casas da infância e da adolescência, dos lugares/símbolos outrora freqüentados e, por outro lado, adesão e posse da memória coletiva, ou seletiva (MELLO, 2008, p. 174).

Neste sentido, a estrutura arquitetônica deve ser compreendida a partir dos indivíduos envolvidos em sua colaboração, seus usos, valores e os sentimentos mobilizados por este espaço. Pois, vive-se segundo as relações que estabelecemos

⁸Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (KEESING apud LARAIA, 2001, p. 59).

⁹O lugar é onde as pessoas vivem, onde realizamsuas experiências, com significados tanto emocionais quanto afetivos, imbuídos de segurança e da estabilidade. O lugar é espaço vivido e como tal é preciso conhecê-lo a partir do cotidiano, das relações próximas (BISPO; OLIVEIRA, 2007, p. 75).

com a estrutura e os sentidos que formamos dela, criando processos de identificação, afetividade e representação pelo espaço.

4.2 Representações da casa pelos indivíduos

As representações passam a existir no momento em que ocorrem relações mútuas entre sujeito e objeto. A junção destes extremos gera a “interpretação do objeto por parte do sujeito, e neste exercício de compreensão do que está posto diante de si engendram-se as representações” (ARAÚJO; JÚNIOR, 2012, p. 89).

Sendo o ser humano capaz de criar sentidos relativos aos fatos, objetos, construções, acontecimentos, pessoas e as relações que estes estabelecem uns com os outros, porque a “representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (PESAVENTO, 2005, p. 40). Assim,

o espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata [...] Deste modo, é a percepção do indivíduo o que edifica o conhecimento do espaço e, assim, estrutura um segundo espaço. Contudo, o pensar e a ação do sujeito perpassam a possibilidade de haver representações de caráter social (GIL FILHO apud ARAÚJO; JÚNIOR, 2012, p. 89).

Na medida em que o sujeito vivencia e constrói as representações, ele confere sentidos subjetivos ao espaço, qualificando-o como um lugar. Através “de marcas da passagem dos anos e do seu uso e consumo pelos atores sociais que percorreram este espaço” (PESAVENTO, 2005, p. 13). Neste sentido,

simbolicamente, a casa representa nossos pensamentos e ações, ou seja, as várias instâncias da nossa mente consciente e inconsciente. Nesse sentido, a casa, assim como a mente, expressa o conteúdo cognitivo e emocional que nos constitui como indivíduos distintos do grupo, mas é a casa que dá a segurança física, cultural e espiritual (ANASTASSIOY et al, 2012, p. 7)

Em conformidade com o enunciado acima,

os objectos [estrutura arquitetônica] asseguram um papel relevante de identificação dos indivíduos consigo próprios. Tratando-se de dispositivos

com forte poder evocativo, permitindo a cada um de nós reconstituir o seu mapa de memórias, afectos e segredos, os objectos participam activamente nos mecanismos de apropriação que actualizam, em permanência, a relação dos indivíduos com a sua parte visível do “cosmos”, que é o universo doméstico. (LEITE, 2000, p. 205, grifo nosso).

Deste modo, os elementos são capazes de ler a natureza da casa, possibilitando a reconstrução de memórias e significações dos indivíduos. Levando em consideração que estrutura arquitetônica é composta de materiais rígidos e bem visíveis, porém ela representa um espaço que condensa e defende a intimidade do homem. Seriam as sensibilidades, ou seja,

as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento (PESAVENTO, 2005, p. 58).

Pois “a casa vivenciada não é uma caixa sem vida. O espaço habitado transcende o espaço geométrico. Toma qualidades sentimentais, humanas” (BACHELARD, 1993, p. 227).

Para uma melhor compreensão da estrutura arquitetônica como espaço de habitação e de representações constituídas pelos indivíduos ao longo de suas vidas, usou-se da metodologia de história oral, conceito amplamente abordado no trabalho, para analisar relatos que denotam as relações com o espaço e seus apegos. Pois,

a construção do lugar exige mais que contatos superficiais, porém, a mobilidade do homem moderno torna sua experiência e apreciação do lugar superficial. O conhecimento abstrato sobre um lugar pode ser adquirido em pouco tempo se é diligente. A qualidade visual de um meio ambiente é rapidamente registrada se você é um artista. Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como à hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar (TUAN, 1983, p. 203).

Assim a afeição não é adquirida por passagem, a importância dos acontecimentos na vida do indivíduo relacionam-se diretamente com a intensidade das lembranças e momentos. Pois “tudo o que a gente viveu isso tu não pode apagar em anos, essas lembranças não saem da cabeça, tudo o que nós fizemos ali” (Romi Kronbauer Schaeffer, 2018), “são lembranças boas e lembranças assim que minha avó estava acamada, não podia caminhar (...), são lembranças não tão boas” (Célia Kronbauer, 2018).

Percebemos que a estrutura arquitetônica integra os pensamentos e as lembranças dos indivíduos. Ou seja, é por intermediação da casa que muitas das lembranças estão armazenadas, sendo possível acessá-las. Pois localizar uma lembrança somente através do tempo é um processo oneroso, porém quando possuímos um objeto, “principalmente quando estamos no espaço em que bons ou maus momentos ocorreram, conseqüentemente a ação de lembrar passa a ser instantânea” (COSTA, 2015, p. 31).

Ao entrar em contato com a casa dos avôs muitos elementos surgem, assim “são sentimentos e lembranças ao mesmo tempo, sentimentos tu sentes e lembranças são coisas que tu apagas, fica apagado da memória” (Célia Kronbauer, 2018).

Estes espaços íntimos possuem estruturas materiais e simbólicas que auxiliam nos processos de rememoração. Auxiliando a emergência das lembranças em esquecimento.

Assim a casa em sua materialidade traz “muita lembranças, muitas lembranças” (Célia Kronbauer, 2018). Passando a ser uma estrutura contaminada de subjetividades, das quais o apego ao Lugar manifesta-se pelo vínculo afetivo estabelecido entre os indivíduos e cenários físicos.

Nesta perspectiva indivíduos e ambiente definem-se e transformam-se, essa relação de afetividade se relaciona com uma apropriação do lugar pelo sujeito. Essa apropriação ocorre de maneiras e intensidades diferentes, pode ser influenciada pelas vivências ou por identificação, pois:

nós visitávamos minha avó pouco na época que eu era pequeno. Porque meus pais haviam recentemente construído uma casa no município de Marques de Souza, então eles tinham muitas dívidas para pagar (...). A casa dos meus bisavôs desde pequeno eu tenho lembranças de que ela esteve abandonada. Ela sempre esteve no meio do mato, tinha capoeira e eu me lembro assim. Nós nos encontrávamos na minha avó geralmente nas

datas comemorativas, que eram Natal e Páscoa. [Assim] nós não íamos na casa, não tinha por que ir naquela casa, não tinha nenhuma justificativa. Mas aquilo sempre me chamava à atenção, esse lugar assim abandonado e não poder ir lá (Jéferson Schaeffer, 2018, grifo nosso).

Nesta perspectiva do enunciado acima se compreende que “existem lugares que, por diversas razões, conseguem despertar nas pessoas um sentimento forte de identidade e apego¹⁰” (SANTORO, 2013, p. 14).

Desde muito pequeno assim, a partir de 2002 então eu tenho lembranças de que eu sempre tive uma insistência em ir naquela casa, depois de saber que ela estava lá. De ter conhecido ela, eu tinha uma insistência de ir até essa casa. E eu sei que a casa estava sempre chaveada e minha avó tinha um armário (...) e esse armário tinha duas gavetas pequenas, e em uma dessas gavetas tinha a chave daquela casa (...). A minha avó sempre chamava a casa de a casa velha. [A mesma pergunta sempre] o que tu quer de novo na casa velha? E eu queria ir lá e meu pai pegava a chave e aí a gente subia lá, ia olhar. Ficava um pouquinho lá e descia de novo, aí passava a minha vontade (...). Mas eu considero isso uma insistência, pois foi por muito tempo feito isso, até quando eu era maior. Então naquele momento eu ia sozinho na casa, abria ela e deixava um tempo aberto e eu brincava lá dentro (Jéferson Schaeffer, 2018).

Conforme a narrativa descrita acima, o sujeito incorpora e interage de maneiras diferentes com os espaços que tem contato. Neste sentido, o “eu” do sujeito, ou seja, seu complexo de ideias, estas conscientes ou inconscientes, seus valores, preferências e sentimentos determinam e caracterizam sua identificação com esse espaço.

Desta forma, ao apropriar-se de determinado espaço, o indivíduo insere-se em um processo de construção de identidade e apego a partir do momento em que se percebe a realidade que o circunda e a significa.

Na relação homem–meio ambiente, analisa-se o comportamento deste e o meio em que vive. A identificação com essa realidade é o passo inicial e fundamental para que ocorra esse processo. Ao apropriar-se de um espaço ou de um lugar, a pessoa produz sua subjetividade e constrói sua identidade (ANCARO; GONÇALVES, 2012, p. 47)

¹⁰O apego ao lugar caracteriza-se pela presença de afetos que as pessoas sentem de diversas maneiras, em relação aos lugares em que nascem [interagem, visitam e convivem] acontecimentos que vivenciam e sujeitos com quem interagem como também as pessoas que fazem parte destes locais (LIMA; BOMFIM, 2009, p. 495, grifo nosso).

Ou seja, mediante experiências pessoais e interações com o espaço geram processos que o sujeito constrói, e que o ligam a este espaço. Essa afetividade que se atribui ao lugar denota-se “apego ao lugar”.¹¹

O apego ao lugar é marcado por afetos e emoções presentes nas relações entre as pessoas e os lugares. Sendo um aspecto importante a se considerar a representação que o indivíduo cria sem necessariamente ter contato cotidiano com o lugar. Bem como sua insistência e dificuldade de se apegar a outros lugares da mesma maneira que o liga ao lugar em que está inserida a casa de sua avó e dos seus bisavôs. As narrativas neste sentido demonstram um lento processo de enraizamentos afetivos, pois

ali por 2010, 2012 eu comecei a fazer visitas sozinho na casa da minha avó, então eu vinha de ônibus numa sexta-feira, num sábado e ficava até domingo (...). A minha avó não tinha telefone, televisão e aquilo tudo era bonito pra mim. Por que eu me desligava de tudo e isso é uma característica daquele lugar pra mim até hoje (...). Em 2012 a 2014, ambas as casas [casa da avó Sibila Hepp Kronbauer e dos bisavôs Reinoldo e Rosalina Hepp] ficaram abandonadas (...). Eu me incomodei por este fato da minha avó sair de lá, eu pensei assim, nossa eu não vou mais poder ir lá. E aquilo sempre era um lugar importante pra mim. Por que eu ficava muito triste quando tinha que voltar para casa (...). Tudo passava muito rápido. Tu nunca fazia tudo o que tu queria fazer lá, era tudo muito curto, a gente ia muito pouco, não era o suficiente. Então eu pensei pra mim que eu não podia deixar aquilo abandonado (Jéferson Schaeffer, 2018, grifo nosso).

Através deste trecho da narrativa do bisneto da família Hepp, percebe-se que a estrutura arquitetônica estudada sofre alterações em virtude da casa da sua avó Sibila Hepp Kronbauer, herdeira da estrutura arquitetônica. Sendo constantes os movimentos que desencadeiam as representações, sendo constituídos a partir da infância. Esse processo de apropriar e ressignificar esse espaço para si, passa a aumentar, devido à vontade de preservar esse lugar.

Neste intuito de preservar, cria-se a ideia de um grupo de jovens, onde se reuniram amigos e o neto da Dona Sibila, “esse grupo de jovens foi muito importante, apesar dos apesares a gente mantinha a casa, a manutenção era feita porque nós estávamos ali” (Jéferson Schaeffer, 2018). Nesse processo de ocupar novamente a casa da sua avó,

¹¹O apego ao lugar é definido como o vínculo emocional entre pessoas e determinados ambientes, constituindo-se como conceito multidimensional que busca compreender o complexo fenômeno da interação entre pessoas e ambientes e os vínculos que entre eles se estabelecem lugar é o ambiente em si/a própria comunidade/ e o apego é o vínculo a esse ambiente (BRUNO et al, 2018, p. 212).

A casa da minha bisavó foi aquela coisa que eu não pude deixar de novo de abri-la. Pois o fato de abri-la me fazia muito bem. Assim, o sol entrar dentro da casa e a casa de novo estar aberta, a vizinhança ver que tinha alguém ali de novo. Isso era muito importante pra mim e os membros do grupo sempre acharam aquilo fantástico (Jéferson Schaeffer, 2018).

As interferências que as casas, o Lugar¹² passaram a sofrer criam um movimento de ressignificação. Havendo uma apropriação deste espaço para a construção de suas próprias memórias e lembranças. Um elo do passado, pois “sempre foi muito vivo dentro da minha família os relatos, o lembrar-se deles [bisavôs] (Jéferson Schaeffer, 2018, grifo nosso), com o presente. Modificam-se os usos, mas mantêm-se os sentimentos de apego, referenciados quando se descreve que “isso sempre foi uma preocupação minha de manter aquele lugar e isso é algo que se perdura até hoje” (Jéferson Schaeffer, 2018).

Essas ações de (re)construções da estrutura arquitetônica pelas representações das lembranças e sentimentos possibilitam que esse Lugar do vivido seja carregado de marcas, estas produzidas pelos sujeitos ao longo do tempo e da história. Este sentimento pode ser observado na seguinte colocação: “quando uma casa te deixa marcada, tu não te sente bem, porque isso te deixa marcado, que nem os dois o vó e a vó (...) e essas marcas não saem da casa (...), anos passando e eu acho que isso é uma coisa que tu não esquece” (Romi Kronbauer Schaeffer, 2018).

As recordações não se acumulam, mas se reelaboram de modo que as reminiscências não são saudosismos ou melancolias, contudo são possibilidades de reflexão, pois essas lembranças que se evocam a partir da estrutura arquitetônica servem como elos de afetividade que perpetuam entre gerações.

A narrativa do bisneto dos Hepp demonstra esses elementos, pois ao ser perguntado como se constituiu esse elo com o Lugar, a estrutura arquitetônica a qual o mesmo não viveu cotidianamente, a resposta é:

Eu criei um laço assim com o lugar porque assim a parte da família que mais informações eu tinha e que estava mais próximo de mim era a família dos Hepp (...).E o lugar eu não sei nem como explicar. Isso não tem explicação, o que eu sinto pelo lugar. Porque desde pequeno, porque eu ia na minha avó e ficava triste sempre e chegava a chorar quando tinha que ir para casa. Não sei como se explica isso (Jéferson Schaeffer, 2018).

¹²Quando citado Lugar entende-se como sendo “um espaço que adquiriu características tão diferenciadoras na interação pessoas-espaço físico, que dela são geradas ligações afetivas entre os usuários e o ambiente” (ANDRADE; CABRAL, 2016, p. 15).

Neste sentido, o passado é revivido pelas miudezas, pelas pequenas marcas encontradas na casa. Nas antigas e novas relações que se estabelecem entre sujeito, estrutura arquitetônica e Lugar. E apesar da memória ser processada internamente, esta necessita de um espaço físico para ser ativada e estimulada, pois a mesma não se projeta no vazio (HALBWACHS, 1990).

Deste modo, os objetos detêm o tempo, pois o preservam tanto em sua materialidade, como nos símbolos e representações que florescem pelo imaginário dos indivíduos.

A estrutura arquitetônica torna-se vetor de múltiplos significados, gerados em seu interior e exterior formando um emaranhado de relações, que são suportes significativos construídos e transformados pela atividade patrimonial, buscando preservar os múltiplos sentidos dos lugares em suas esferas materiais e imateriais.

Assim, procura-se compreender a concepção de patrimônio como um recurso prático e ao mesmo tempo simbólico para preservar a identidade e as memórias da estrutura arquitetônica.

4.3 A estrutura arquitetônica como Patrimônio

O Patrimônio Cultural lança um novo olhar sobre as singularidades locais. Ainda que qualificado como patrimônio natural, material ou imaterial, expressa identidades. O patrimônio cultural vincula-se às lembranças e à memória, despertando sentidos e vínculos.

A memória se enraíza no lugar, nesse espaço material. Espaço onde o tempo e a história se abrigam, transformando-se em patrimônio. “Nos recônditos da memória residem aspectos que a população de uma dada localidade reconhece como elementos próprios da sua história, da tipologia do espaço onde vive, das paisagens naturais ou construídas” (PELEGRINI, 2006, p. 116). Assim,

patrimônio é o resultado de uma dialética entre o homem e seu meio, entre a comunidade e seu território. Ele não é apenas constituído pelos objetos do passado oficialmente reconhecidos, mas também por tudo que liga o homem ao seu passado, ou seja, tudo que os seres humanos atribuem ao legado material e imaterial de sua nação (MACHADO; DIAS, 2009, p. 2).

Entretanto uma parcela da população perde o interesse para as atividades voltadas à valorização, preservação e recuperação dos testemunhos do passado. Na medida em que as cidades cresceram, as estruturas arquitetônicas ficam cada vez mais anônimas, perdendo-se as histórias familiares. As casas permanecem como frágeis reflexos do passado às margens das estradas e cidades. Pois,

aparentemente perdeu-se também o vínculo afetivo com esses bens históricos, sobretudo com aqueles menos espetaculares, provavelmente devido ao rápido desenvolvimento econômico, político e social do país, que impediu a transmissão do conhecimento de sua origem (GRIENEISEN, 2013, p. 38).

A valorização do material, parte do caráter simbólico na produção cultural do espaço. Buscando valorizar os bens de diferentes expressões culturais, fortalecendo a identidade dos lugares. Deste modo as noções de “patrimônio no mundo moderno além de manterem-se conectadas à de propriedade – seja ela: material ou espiritual, econômica ou simbólica – estão umbilicalmente vinculadas à idéia de preservação” (CHAGAS, 2007, p. 209).

O patrimônio se constitui em uma ponte, desde modo, exerce papel de mediador, entre

o material e o imaterial, o sujeito e o objeto, o corpo e o espírito, o sagrado e o profano, o passado e o presente. Na modernidade a cultura assumiu a sua interpretação mais pelo viés das relações sociais simbólicas, embora o caráter material desta esteja sempre presente. É dessa forma que, mesmo o patrimônio imaterial, intangível, possui um lugar, um território, uma espacialidade e um sistema de objetos que dá concretude a este universo simbólico (PAES, 2009, p. 2).

A materialidade possibilita que o indivíduo afirme sua identidade cultural, podendo assim “rememorar” o passado. Assim o passado permanece em permanente movimento, ou seja, permanece vivo através de processos de rememoração, que oportunizam aos indivíduos revivê-lo a partir do momento em que passa a compartilhar suas experiências.

A estrutura arquitetônica por abrigar valores de natureza material e imaterial, torna-se riquíssima em características e símbolos que representam os indivíduos, suas vivências e o modo como se organizam. Deste modo,

o papel dos objetos materiais nos processos de rememoração, que ocorrem em um universo que é tanto de palavras quanto de coisas (...). Por se tratar

de processos cognitivos encarnados, estão eles marcados por uma inserção física no universo material. A exterioridade, a concretude, a opacidade, em suma, a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória (MENESES, 1998, p. 90).

Em encontro ao enunciado acima, está à durabilidade do objeto, que em princípio ultrapassa a vida de seus produtores, essa característica torna possível que o passado seja expresso de forma sensorial. Assim os traços materiais contidos nos objetos “orientam leituras, que permitem inferências diretas e imediatas” (MENESES, 1998, p. 91).

Deste modo a morfologia do objeto, suas técnicas de construção, os sinais de uso, entre outras características, selam, na estrutura arquitetônica informações materialmente observáveis, possibilitando através dos aspectos materiais acessar processos.

Neste sentido “o patrimônio possui a capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente vinculadas a ele, e por isso, é alvo de estratégias que visam a sua promoção e preservação (ROCHA, 2012, p. 2).

Buscando analisar a trajetória familiar pela qual a casa vivenciou, reavivando narrativas em esquecimento. O olhar voltado para as estruturas arquitetônicas desencadeia um vínculo com o objeto, fortalecendo a reação de preservar e proteger. Entendendo a casa como um bem de valor histórico cultural.

Buscando-se evidenciar a estrutura arquitetônica como um acervo histórico, isto é, trazer, a partir da casa características tipográficas, morfológicas e usos dos descendentes de imigrantes alemães. Que para além do seu papel objetal fornece um exercício de rememoração e ancoramento de significados.

Pensando nos objetos a partir das vivências que testemunharam, têm-se as relações de afetividade, pois “as memórias contidas nos cômodos da casa traz à tona fragmentos de vivências que servem para construir nossa identidade” (BACHELARD, 1993, p. 196).

Nessa perspectiva, a casa surge das vivências e necessidades dos indivíduos, e não como desígnio da história. São espaços únicos e particulares que constituem um jogo de memória e história, nos quais passado e presente das relações familiares se encontram e as memórias se afloram.

Mais do que um espaço de ocupação e moradia, as estruturas arquitetônicas representam Lugares de manifestações socioculturais múltiplas, permitindo

perceberem-se os valores patrimoniais, tanto materiais – arquitetura- como os imateriais - tradições, conflitos e processos de enraizamentos - contidos nesses espaços.

Assim, as marcas do tempo deixadas nas paredes, nos recôncavos da casa e na sua estrutura tornam-se marcas imperecíveis do passado, que apesar das modificações nos remetem à conservação de símbolos e signos culturais dos passados Históricos regionais.

Essas construções representam a herança étnico-cultural teuto-brasileira, arraigadas em um sentimento de identidade e pertencimento. Neste sentido, as estruturas arquitetônicas passam a ser consideradas Patrimônio Histórico Cultural, pois são testemunhos da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a Nova História abre-se caminho para que novas temáticas sejam abordadas, assim a estrutura arquitetônica passa a ser relevante para se estudar conceitos mais amplos, como as relações dos indivíduos com o Lugar e a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural.

Neste âmbito Patrimônio é compreendido como um elemento cultural e historiográfico transmissor de tradições e testemunhos. Referindo-se assim, ao modo como os indivíduos se relacionam com as memórias e os espaços que interagem, em um processo de preservação da história.

Os espaços de interação são modificados e transformados, passando a possuir significados carregados de emoções. Deste modo, estes espaços tornam-se Lugares, pois se estabelecem vínculos através das experiências entre a estrutura arquitetônica e os sujeitos.

Ao estabelecer relações com as experiências do vivido, a estrutura arquitetônica serve como elo com as lembranças, os apegos e o passado dos indivíduos, evocando memórias individuais e coletivas

As reminiscências deixam marcas profundas em alguns lugares de outrora, mesmo que em desuso, suas formas materiais, prosseguem sendo importantes elos do presente com o passado, porque se tornam símbolos eternizados na memória dos indivíduos.

Buscou-se analisar o espaço da estrutura arquitetônica além de sua funcionalidade, permitindo-se pensar nos significados, identidade e apego delegados pelos sujeitos.

Assim, se compreende a casa em sua espacialidade como lugar vivido impregnado de sentimentos e ações, que a partir das relações cotidianas, possibilita o entendimento das representações que os indivíduos atribuem à estrutura.

A importância que ela assume fora da esfera material da qual está inserida, não é mais somente local de habitar físico, é espaço onde habitam lembranças, onde ecoam recordações. Os sujeitos sociais inscrevem suas marcas e desenvolvem suas histórias.

A partir de narrativas dos sujeitos envolvidos com o processo de significação da estrutura arquitetônica evidenciou-se a apropriação deste espaço como lugar de afeto e rememoração, apropriando-se da casa através de símbolos.

Esse espaço habitado, que vivenciou o cotidiano e as relações familiares aflora sentimentos e lembranças, pois traz em sua materialidade marcas que contribuem na rememoração.

Os indivíduos, ao longo de suas vidas, vão interagir com diferentes espaços e de formas variadas, mas através de representações e memórias que eles vão se ligar ao Lugar, criando um vínculo capaz de emergir reminiscências.

Constata-se um enraizamento dos indivíduos com o Lugar conforme ele é habitado, significado e vivido. A casa serve como ativador de memórias ao mesmo tempo em que os sujeitos constroem novas lembranças e signos com o Lugar.

Assim, a estrutura arquitetônica está diretamente relacionada com o sujeito, seus apegos e sentimentos, a casa da família que remete aos antepassados. O sentimento de continuidade e preservação. São esses laços que possibilitam que a estrutura arquitetônica seja um símbolo e que gere um lugar de importância para o indivíduo, muito além da materialidade.

Assim a estrutura arquitetônica é um testemunho histórico e cultural servindo como um Patrimônio de guarda de memórias. Lugar de experiências compartilhadas, não somente no campo histórico ou material, como também no campo simbólico. A estrutura arquitetônica nesse âmbito pode ser compreendida como espaço possível de rememorações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANASTASSIOY, Cristiane de Almeida. SARDE, Emílio Neto, ALMEIDA, Adnilson Silva. **Tapyia Amondawa: uma abordagem interdisciplinar sobre as representações simbólicas**. Paraná: seminário de educação, 2012.

ANCARO, Rosevane. GONÇALVES, Teresinha Maria. Identidade de lugar: um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no Município de Timbé do sul, Santa Catarina. **RA'EGA: O espaço geográfico em análise**, Curitiba, p. 38-63, 2012.

ANDRADE, Ana Karina Nogueira de. CABRAL, Gabriela Monteiro. Compreendendo os laços afetivos (simbólicos) dos moradores de Aldeia, Camaragibe-PE. **Revista Rural & Urbano**, Recife, V. 1, n. 01, p. 113-121, 2016.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. JÚNIOR, Dante Flávio da Costa Reis As representações sociais no espaço geográfico. **GEOTemas**, Rio Grande do Norte, v 2, n. 1, p. 87-98, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidades: Estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

BARDEN, Júlia Elisabete. AHLERT, Lucildo. Fluxos migratórios e distribuição da renda interna na evolução da economia do Vale do Taquari no período de 1930-70. **Terceira Jornada de História e economia**. Montevideu: Centro Universitário Associação Uruguaia de História Econômica (AUDHE), 2003.

BARRETO, Denis Ian Sbroglia; WEIMER, GÜNTER; Medeiros, Humberto; HOLZER, Werther. **A arquitetura Popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2010.

BISPO, Mariléia Oliveira. OLIVEIRA, Sandra de Fátima. Lugar e cotidiano: categorias para compreensão de representações em meio ambiente e educação ambiental. **Revista brasileira de educação ambiental**, Brasília, N. 2, 2007.

BOCCATO, Vera Regina Casario. FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos Bad**: N. 2, p.84-100, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1999.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro: DPeA, 2003.

BRUNO, Nelma Lima. PROFICE, Christiana Cabicieri. AGUIAR, Paulo César Bahia de. FERRAZ, Marcelo Inácio Ferreira. Apego ao lugar e sustentabilidade ambiental em uma comunidade rural do sul do estado da Bahia/Brasil. **Revista Gestão e sustentabilidade ambiental**. Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 206-234, 2018.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CHAGAS, Mario. Casas e portas da memória e do patrimônio. **Em Questão**, vol. 13, núm. 2, Porto Alegre, p. 207-224, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHOAY, Françoise. **A Alegria do Patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. 3º Ed. São Paulo: UNESP, 2006.

COLE, Dorlei Marcos. **Colonos, Agricultores familiares e pluralidade: um estudo de caso no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari/RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

COSTA, Ingrid Suanne Ribeiro. A dimensão íntima e social da casa na lírica de Maria de Lúcia Dal Farra. **Anais: XI EIEL**, V. único, N. 6, 2015.

CRUXEN, Edison Bisso. A fortificação medieval como documento histórico – arquitetônico e símbolo do poder. **MÉTIS: História e cultura**, V. 8, n. 16, p. 249-265, 2008.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Editora Moraes, 1992.

DELGADO, L. A.N. História oral e narrativas: tempo, memória e identidades. **História oral**, V.6, p. 9-25, 2003.

ECKHARDT, Rafael Rodrigo. **Zoneamento ambiental do Vale do Taquari - RS.** Lajeado: Univates, 2005.

FARIAS, Taise Costas de. A festa: patrimônio e cultura urbana. **III Seminário internacional Urbicentros.** Bahia, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. **Usos & abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FLAMÍNIO, Isabel. O Espaço da cozinha na habitação plurifamiliar urbana: Modos de vida e apropriação do espaço. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, vol. XVI p. 251- 277, 2006.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades – narrativos patrimônios e memórias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais, História e memória.** Campinas, UNICAMP, 1994.

FREIRE, Diego J. Fernandes. O (des)encontro entre História e memória. **Historiografia.** Ouro Preto, n. 21, p.132-139, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE –Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE –Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e Ideologias Nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos históricos,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 264-275, 1988.

GRIENEISEN, Vera. **As origens de quatro arquitetos imigrantes alemães e sua obra habitacional no Rio Grande do Sul no início do século XX.** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HEINRICH, Álvaro Luiz. COSTA, Benhur Pinós da. PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. (org.) **Maneiras de ler: geografia e cultura.** Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013. Disponível em:
<https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/MANEIRAS_DE_LER_GEOGRAFIA_E_CULTURAL.pdf>

HEUSER, Juliana Faccioni. **Arquitetura Vernácula no Rio Grande do Sul.** XI Salão de iniciação científica. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

HOLZER, Werther. O Lugar na geografia humanista. **Revista território**. Rio de Janeiro: v. 4, n.7, p.67-78, 1999.

HOT, Amanda Dutra. CAMPOS, Germano Moreira. BARBOSA, Leonardo Vieira. **História Regional e Patrimônio Histórico: Análises e considerações**. Manhauçu: Seminário Científico da FACIG, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População do Brasil: 2010. Censo Demográfico de 2010.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1977.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

LEITE, Adriana Flores. O Lugar: Duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**. Rio de Janeiro: v.21, p. 9-20, 1998.

LEITE, Carolina. A linguagem dos objetos e a criação de significado no espaço doméstico: um repertório de afectos. **Comunicação e sociedade 2: Cadernos do Noroeste, série comunicação, Vol. 14**, p. 205-216, Braga: 2000.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: brasiliense, 2006.

LIMA, Deyseane Maria Araújo. BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, Fortaleza, V.40, N. 4, p. 491-497, 2009.

LUCENA, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. **Projeto História**, São Paulo, n.17, p.397-413, 1997.

MACHADO, Gilmara de Cássia. DIAS, Reinaldo. Patrimônio cultural e turismo: educação, transformação e desenvolvimento local. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 8, p.1-11, 2009.

MAHEIRIE, Katia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, Vol. VII, nº. 13, p. 31-44, 2002.

MARTINS, Maria Helena Pires. **Preservando o patrimônio e construindo a identidade**. São Paulo: Moderna, 2001.

MELLO, João Batista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, UFRJ, p. 167-174, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MESQUITA, Rosa Maria. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. **Revista paulista de Educação Física**, São Paulo: 1997.

MONTEIRO, Marcos Rafael. **Notas para a construção de um diálogo entre arquitetura e a semiótica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

NERY, Olivia Silva. Memórias, objetos e narrativas: Lyuba Duprat e seus objetos Patrimoniais. **Seminário internacional em Memória e Patrimônio: Lugares de memória**, Pelotas: 2014

_____. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista memória em rede**, Pelotas, v.10, nº17, 2017.

NEVES, Erivaldo Fagundes. História e Região: Tópicos de história regional e local. **Ponta de Lança**, São Cristóvão v.1, n. 2, 2008.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, vol.1, nº 3, 2º SEM, p. 1-5, 1996.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. LABAKI, Lucila Chebel. **Ambiente construído e cidadania: estudo de caso nas praças públicas de Caraguatatuba-SP**. São Paulo: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura, 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: A problemática dos lugares**. Tradução: Khoury, Yara Aun. São Paulo: PUC, 1993.

PAES, Maria Tereza Duarte. Patrimônio Cultural, Turismo e identidades territoriais – Um olhar geográfico. **Turismo de base comunitária–diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. Letra e Imagem, p. 162-176, 2009.

PAUL, Ricoeur. **Amemória, a história, o esquecimento**. Tradução: François, Alain. São Paulo, Unicap, 2007.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006

PELEGRINI, Sandra C. A; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____. Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a Memória e o Patrimônio Urbano. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, Pelotas, V. II, nº4. Editora da UFPEL: 2005.

_____. **A história e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIANA, Maria Cristina. **A construção da pesquisa documental**: avanços e desafios na atuação do serviço social no campo educacional. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, p.3-15, 1989.

POLH, Ângelo Inácio. **Patrimônio Cultural e representação**. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org). **Educação patrimonial: Perspectivas**. Santa Maria (UFSM): Laboratório de estudos e Pesquisa Arqueológicas, 2005.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos Semióticos**, São Paulo, V. 6, N. 1, P. 46-53, 2010.

RISSI, Edson Roberto. MACHADO, Neli Teresinha Galarce. CASTELINHO: Patrimônio, história e memória. **Revista destaques acadêmicos**: Ano 3, nº 2, 2011 - CCHJ/Univates.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. **XVIII Encontro Regional ANPUH**, Minas Gerais, 2012.

ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, V. 4, p. 67-79, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spindola Silveira Truzzi. **História & documento e método de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**, V. 9, nº 19, 219-242, 1990.

SANTORO, Mônica Almeida Gavilan. **Uma análise da relação entre Apego ao Lugar, satisfação e fidelidade dos visitantes em um destino turístico ambiental**: Um estudo em Fernando de Noronha/PE. Natal: UFRGN, 2013.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. **Revista São Paulo em Perspectiva**: vol.15, nº 2, 2001.

SANTOS, Elvan. **Matéria, Idéia e forma:** Uma definição de arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. **ANTARES**, Caxias do Sul nº2, 2009.

SCHULZ, Christian Norberg. **O Fenômeno do lugar.** In Nesbitt, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais, vivências, imaginação e representação.** Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>
SILVA, Elvan. **Materia, ideia e forma:** Uma definição de arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

SILVA, Luis Carlos Borges da. **A Importância do estudo da História Regional e Local no ensino fundamental.** Bahia: Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas, UNEB, 2007.

SILVA, V. A. C. **Regionalismo: o enfoque metodológico e a concepção histórica.** In: SILVA, M. A. da. República em migalhas: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUSA, Mauro Wilton de. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Significação**, nº 34, 2010.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces:** introdução a uma análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: UPF, 2011.

_____. Ruminantes de memórias: sentimentos, experiências e silêncios deliberados. **História: Debates e Tendências**, V. 13, n. 2, p. 343-353, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória:** Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. São Paulo: Projeto História, 1997.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e experiência**, 1930. Tradução Livia de oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

UNGERICHT, José Luiz. **Acabamento de parede de alvenaria com revestimento de escariola.** Florianópolis: UFSC, 2002.

WEIMER, Günter. O conceito de Art Déco. **Revista UFG**, Ano XII nº 8, 2010.

LISTA DE ENTREVISTAS

Alves, Augusto. Professor de arquitetura. Entrevista realizada em 04/05/2018.

Hepp, Eli. Nora de Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 10/05/2018.

Hepp, Paulo. Sobrinho de Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 10/05/2018.

Kronbauer, Sibila Hepp. Filha de Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 12/05/2018.

Kronbauer, Célia. Neta de Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 13/05/2018.

Schaeffer, Romi Kronbauer. Neta de Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 13/05/2018.

Schaeffer, Jéferson Luís. Bisneto de Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 17/05/2018.

Verruck, Ilse Maria Hepp. Neta Reinoldo e Rosalina Hepp. Entrevista realizada em 10/05/2018.

ANEXOS

Anexo I: Retrato de Reinoldo e Rosalina Hepp



Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer.

Anexo II: Documentos de compra e venda no ano de 1931

EXTRACTO *Vista*

de
Reinoldo Hepp

de
Reinoldo Hepp

Segundo districto de Lageado.
Denominação ou rua e numero

Picada Arroio Alegre.
Contrações e característicos

Uma área de terras, com a superfície de 23 ha:9000 m.q. contendo uma casa de material e bemfeitorias, dividindo-se pela frente, com o Arroio Alegre; pelos fundos, com o Arroio Abelha; por um lado, com terras de Geraldo Hoppen; e pelo outro lado, com ditas de Arthur Bokhardt.

Endereço 17 7850 - 3 a Habitar Reinoldo Hepp 16.7.1931

Nome e domicílio do adquirente

REINOLDO HEPP. *2877-67-480*
1170
Neste município.

Nome e domicílio do transmittente

LEOPOLDO NIED e sua mulher.
Neste município.

EXTRACTO

Vista

Compra e venda.

Forma do título e notário que o fez

Escriptura publica de 23 de Junho de 1931.

Notário interino: Astrogildo Cunha.

Valor do contracto

Terras por 4:659\$000; casa e bemf. por 1:131\$000.
Total: 5:790\$000.

Condições

Não tem.

Lageado, 23 de Junho de 1931

Nº 14.489---de Protocolo, N

Pageas 97 v.

Apresentado no dia 27 de Junho de 1931, às 6 h 12 horas, e registrado no 1º 2º numero 13.504, paginas 4.

Lageado, data supra.

O official:
Christiano Lampert

Reg. ext. e sellos: 34\$000
Recibo e averbação: 7\$000
41\$000
Lampert

Reg. nº 13.437.

TR A S L A D O de escriptura de compra e venda que fazem Leopoldo Nied e sua mulher a Reinoldo Hepp, como se vai declarar.

1115. Fls. 23 e v. SAIBAM quantos esta publica escriptura de compra e venda virem, que aos vinte e tres dias do mez de Junho de mil novecentos e trinta e um, nesta villa de Lageado, Estado do Rio Grande do Sul, neste cartorio, compareceram partes entre si - justas e contractadas a saber: de um lado como outorgantes vendedores Leopoldo Nied e sua mulher Alvina Nied, e de outro lado como outorgado comprador Reinoldo Hepp, todos residentes neste município, reconhecidos pelos próprios de mim Astrogildo Cunha, Notario interino e das testemunhas no fim desta nomeadas e assignadas do que dou fé; perante as quaes pelos outorgantes vendedores foi dito que são senhores e legitimos possuidores de uma area de terras com a superfície de vinte e tres hectares e nove mil e setenta e tres quadrados (23 ha. 9000 m.q.) com uma casa de material e bemfeitorias, situada tudo na picada Arroio Alegre, segundo districto deste município, dividindo-se pela frente com o Arroio Alegre; pelos fundos com o arroio Abelha; por um lado com terras de Geraldo Hoppen e pelo outro lado com ditas de Arthur Bokhardt; imóvel esse que houveram por compra feita de Luiza Guilhermina Becker e que se acham registradas sob numero de ordem 13.489, no Registro Geral deste município, que possuindo dita propriedade assim descripta e confrontada livre de quaesquer onus, nesta data resolveram vendel-a, como de facto vendido tem por mais da presente escriptura ao outorgado Reinoldo Hepp, pelo preço e quantia de cinco contos setecentos e noventa mil reis (5:790\$000) que declararam terem recebido anteriormente, em moeda corrente, do comprador, pelo que lhe dão plena e geral quitação da importancia recebida, para que jamais lhe seja exigida quantia alguma por elles vendedores ou seus successores; que desde já transferem ao comprador todo o direito, posse, acção e dominio que tinham sobre a propriedade que ora vendem, podendo della tomar posse, gozar e desfructar como sua, que de facto fica sendo em virtude desta venda

venda, que promete fazer boa fé e valleea, obrigando-se mais a responderem a evicção e a defenderem o adquirente de toda e qualquer duvida ou demanda futura. Antes por este me foi dito perante as mesmas testemunhas que era verdade todo o relatado, que acreditava esta escriptura em todos os seus termos e me apresentou o conhecimento do imposto de transmissão, cujo teor é e seguinte: 289\$500, Taxa escolar 29\$000, Taxa Profissional 23\$300. Total -- 341\$700. A fls. 7, 7 e 9 dos complementos livres ficam lançadas em receita as quantias acima indicadas cujo total 341\$700 foi pago pelo Sr. Reinoldo Hepp. A transmissão corresponde á 5% sobre -- 5:790\$000 por quanto comprou a Leopoldo Nied e sua mulher 23 ha. 9000 m.q. de terras por 4:659\$000 com uma casa de material por 1:131\$000, no Arroio Alegre, 2º districto deste município. Colletoria do Estado em Lageado, 23 de Junho de 1931. O collecter Leopoldo Lampert. O escriptor João Alípio Hennemann. Pelas certidões que foram apresentadas e que ficam archivadas neste cartorio verifica-se que os vendedores nada devem ás Fazendas Estadual, Municipal e Federal até a presente data. E assim justos e accordados me pediram lhes fizesse esta escriptura que lhes li, acharam conforme, aceitaram, ratificaram e assignam com as testemunhas Willy Selgrad e Vicente Miranda, conhecidos de mim Astrogildo Cunha, Notario interino que escrevi e assigno. O Notario interino Astrogildo Cunha. (Assignados) Leopoldo Nied, Alvina Nied e Reinoldo Hepp Willy Selgrad e Vicente Miranda. Nada mais continúa. *Luiza Guilhermina Becker, Notario interino e de facto pago, evicção, posse e acção em pleno e sano.*

Em testu: em da Verdade
Lageado, 23 de Junho de 1931
Reinoldo Hepp

Anexo III: Documentos de compra e venda no ao de 1937

República dos Estados Unidos do Brasil

REGISTRO DE IMMOVEIS

Estado do Rio Grande do Sul — Município de Lajeado

Certifico que a fl. 122 do Livro n.º 30 foi registrado hoje sob o n.º de ordem 12.112 a escritura de compra e venda do imóvel seguinte: terra com de fundo, em forma triangular, para o qual se encontra em processo de registro a escritura de compra e venda, quarta cartório deste município.

*34.0802 m²
452 m x 300 m de frente
247.350 m² medida da Matriz de Lajeado de 1873.*

Requerente: Geraldo Hoffmann

devidos 1493,00 m² de terreno e edificações em 09.10.37

Tenentado: Gerardo Jacob Hoppen e sua mulher Rainalda Hepp, do Município.

Receita de reg. do imóvel, medido 10.6.37

N.º 12.112 pag. 13

O referido é verdade e deu fé.

Lajeado, 20 de Outubro de 1937

Carlos Lampel

Escritura de Immoveis
Estado do Rio Grande do Sul

Estado do Rio Grande do Sul

Traslado de escritura pública de compra e venda que faz Gerardo Jacob Hoppen e sua mulher Rainalda Hepp como abaixo se declara:

LIVRO N.º 20 FOLHAS 136 e 137.

Saibam quantos esta publica escritura vierem, que no anno de mil novecentos e trinta e sete nos dias dezoito do mez de Outubro neste Exatidão de Santa Tarsa, sede do segundo distrito do município de Lajeado.

Estado do Rio Grande do Sul, neste cartorio, compareceram:

partes justas e contratadas a saber: de uma parte como vendedores GERARDO JACOB HOPPEN e sua mulher dona MARIA JOSEPHINA HOPPEN esta heito acto representada por seu bastante procurador seu marido Gerardo Jacob Hoppen, como demonstra a procuração, registrada á folhas vinte e um do livro de registro de procurações numero cinco deste cartorio e de outra parte como comprador REINALDO HEPP, residentes neste distrito, reconhecidos pelos proprios de mim, escrivão districtal provisório e das testemunhas no fim nomeadas e assignadas do que dou fé; em presença das quaes me foi pelo vendedor e procurador declarado que elle e sua constituinte são senhores e legitimos possuidores de uma arca de terram em forma triangular, situada no quarto districto deste município na pinda Arroio Alegre, com a superficie de tres hectares cito-

oitocentos e dois metros quadrados (34.0802m) adquirida por compra e venda de Nicolau Auth a sua mulher e que se acha registrada sob numero de ordem 15.483 no Registro Geral deste município, confrontando-se pela frente com o Arroio Alegre, pelos fundos e por um lado com a estrada geral, e pelo outro lado com terras do comprador, que esta arca de terras assim descripta e confrontada fazem venda como de facto vendida tem ao referido comprador Rainaldo Hepp, pelo preço e quantia de um conto de réis (1.000\$000) que em moeda corrente receberam do comprador e quem dão plena e geral quitação, para jamais lhe ser exigida, transmittindo ao comprador todo o direito, dominio, ação e posse que tinham em dita arca de terras, para que us goze e desfrute como sua que fica senão em virtude desta escriptura que finalmente prometteu fazerem esta venda boa, firme e valiosa, livre de toda e qualquer demanda ou duvida futura. Pelo requerente foi dito que aceita esta escriptura tal como é contida e me apresentou o conhecimento do imposto de teor seguinte: 589, Transmissão "inter-vivos" Exercício de 1937. Imposto 65000 Taxa de cooperação 14700 Total 664700 A folha 47,12 dos competente livros ficam lançadas em receita as quantias acima indicadas cujo total 664700 foi pago pelo Sr. Rainaldo Hepp. A transmissao corresponde á 6,5% sobre 1:000\$000 por quanto comprou á Gerardo Hoppen e sua mulher 34.0802m de terras sem beneditórios, na pinda Arroio Alegre, do distrito deste município. Collectoria do Estado em Lajeado, 16 de Outubro de 1937. O Collector Leopoldo Lampert. O escrivão João Aleixo Hennemann. Me foram apresentadas as certidões de teor seguinte: Illmo-Sr. Collector Federal de Lajeado. O abaixo assignado, para fins de venda de uma arca de terras, vem requerer V.S. se digno mandar certificar junto a este Sr. Gerardo Jacob Hoppen esta quites com a Fazenda Federal, por esta repartição, durante o corrente exercicio. P.D. Lajeado, 15 de Outubro de 1937. João Nello de Oliveira. Certifico que reverei os livros, talões e mais documentos desta Collectoria, verificando que o Sr. Gerardo Jacob

Gerardo Jacob Hoppen, não consta como devedor de impostos a Fazenda Nacional, no corrente exercicio, até esta data, por esta Collectoria. E para constar eu Albino Gontran Arruda, escrivão da Collectoria Federal de Lajeado, passei a presente certidão aos quinze dias do mez de Outubro de mil novecentos e trinta e sete que assigno. Collectoria Federal de Lajeado, 15 de Outubro de 1937. O escrivão Albino Gontran Arruda (Estava devidamente sellada). Certidão que reverei os livros existentes nesta Exatoria, verificando que o Sr. Gerardo Jacob Hoppen está quites com a Fazenda Nacional, no Estado do Rio Grande do Sul, Collectoria das Arca de Terras do Estado no município de Lajeado, 16 de Outubro de 1937. Escripturnario Pedro Ouiriques de Nenezes. Conforme. Leopoldo Lampert. (Estava devidamente sellada). Pedro Affonso Arenhart, thescoureiro da Prefeitura Municipal de Lajeado, por nomeação legal certifico que o Sr. Gerardo Jacob Hoppen está quites com a Fazenda Municipal. Lajeado, 15 de Outubro de 1937. P. Affonso Arenhart, thescoureiro. (Estava devidamente sellada). E sendo esta lida partes acharam conforme, aceitaram, ratificaram e assignam como testemunhas Otto Gabriel Diel e Virgilio Schmorz, conhecidos de mim, escrivão districtal provisório e escrevi e assigno. O escrivão districtal provisório. João Nello de Oliveira, Gerardo Jacob Hoppen, Rainaldo Hepp. Otto Gabriel Diel, Virgilio Schmorz, ratificando na mesma data. Eu João Nello de Oliveira, escrivão districtal provisório e thescoureiro assigno e assigno em publico e razo. Em testemunho da Verdade.

Lajeado, 20 de Outubro de 1937

Carolina districtal provisório

João Nello de Oliveira

Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer.

Anexo IV: Documento partilha amigável, ano de 1982

COMARCA DE LAJEADO
CARTÓRIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO

Lajeado, 24 de setembro de 1982

LIVRO N.º 2 REGISTRO GERAL
fls. nº 01 Matrícula nº 15.842

IMÓVEL: Uma área de terras com a superfície de 96.800,00m² (noventa e seis mil e oitocentos metros quadrados) sem benfeitorias, situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, confrontando-se pela frente, a leste com o travessão Arroio Abelha; pelos fundos, ao oeste com terras de Avelino Kronbauer; ao sul com ditas de Reinaldo Scharb e Arlindo Hoppen e pelo outro lado, ao norte com as de Theobaldo Becker INCR: 856.061.040-95; área total: 9,6; nº de módulos: 0,24; fração mínima de parcelamento: 9,6; Procedência: matrícula nº 15.841, livro nº 2-Registro Geral.

PROPRIETÁRIOS: AVELINO KRONBAUER e sua esposa Sibila Kronbauer CPF: 037.646.640-53; OSVINO HEPP e sua esposa Elli Pohl Hepp, - CPF: 135.992.400-00 e THEOBALDO BECKER e sua esposa Hilda Hepp Becker, CPF: 135.981.800-63, todos brasileiros, e, seus agricultores e alca de afazeres domésticos, residentes e domiciliados neste município.

Suboficial: Paulo Emol: Cr\$ 396,00

R.1/15.842-Prot.nº 25.776-24 de setembro de 1982-Título-Escritura pública de divisão amigável, datada de 22 de setembro de 1982 lavrada no Tabelionato desta cidade (livro nº 8-A, fls. 099v, 100v) Adquirente: AVELINO KRONBAUER e sua esposa Sibila Kronbauer, solteiros, qualificados. Transmissores: Osvino Hepp e sua esposa Elli Pohl Hepp; e Theobaldo Becker e sua esposa Hilda Hepp Becker, agiões - qualificados. Valor: Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros). Dou fé.

Suboficial: Paulo Emol: Cr\$ 1.195,00

Cst. de Verbo

PODER JUDICIÁRIO
Município de Lajeado
TABELIONATO

Traslado

Nº 4.853/097.- ESCRITURA pública de divisão amigável que fazem os casais Avelino Kronbauer, Osvino Hepp e Theobaldo Becker, na forma abaixo declarada.*****

SAIBAM todos quantos esta escritura virem que, no ano de mil novecentos e oitenta e dois (1.982), aos vinte e dois (22) dias do mês de setembro, nesta cidade e comarca de Lajeado, Estado do Rio Grande do Sul, neste tabelionato, compareceram partes entre / si justas e contratadas, como outorgantes e reciprocamente outorgados, a saber: AVELINO KRONBAUER, CPF Nº 037.646.640-53, e sua esposa Sibila Kronbauer, CPF Nº 135.992.400-00 e sua esposa Elli Hepp; e, THEOBALDO BECKER, CPF Nº 135.981.800-63 e sua esposa Hilda Becker, todos brasileiros, domiciliados e residentes neste município, e, seus agricultores e de afazeres domésticos elas, reconhecidos como os próprios por mim, 2º Oficial Ajudante, do que dou fé. E, pelos referidos outorgantes e reciprocamente outorgados foi dito que possuem, em comum, uma área de terras com a superfície de 269.802,00 m² (duzentos e sessenta e nove mil, oitocentos e dois metros quadrados), contendo uma casa de alvenaria de 99,00 m² de área construída e demais benfeitorias, situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, cadastrada no INCRA sob números 856 061 040 100 e 856 061 040 492, com as áreas de 17,3 Ha. e 9,6 Ha.; nº de módulos: 0,69 e 0,31; fração mínima de parcelamento: 15,0 e 9,6, em nome de Avelino Kronbauer, transcrita no Registro / de Imóveis deste município sob os números 68.163, em nome de Avelino Kronbauer, R.1/4580, também em nome Avelino Kronbauer, 68.164, em nome de Osvino Hepp e 68.162, em nome de Theobaldo Becker; que, possuindo cada um dos condôminos parte ideal e não determinada no referido imóvel e não lhes convindo permanença e mesmo no estado de comunhão em que se encontra, resolveram extinguir este estado, para que cada um fique com sua quota-parte certa e determinada, o que fazem pela presente escritura, na melhor forma de direito e de conformidade com a Portaria nº 167, de 17 de junho de 1.982, do Ministro da Agricultura e Instrução Especial do INCRA, sob nº 26, de 09 de ju

15.841

2º Oficial Ajudante: *Kenneth*

TABELIONATO E CARTÓRIO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
REGISTRAR ALFREDO NEOMAS
VALERIANO E SPICAL
WILSON NEHR - OF. AJTE
ALMIRANTO ALCANTARA
LAJEADO - F.F.

PÁG. MAL. DECORRO. 92
LAJEADO - RS - Telefone 2478

...09 de junho de 1.982, da maneira seguinte: 1) Aos outorgantes e reciprocamente outorgados AVELINO KRONBAUER e sua esposa SIBILA KRONBAUER, em pagamento de seu quinhão, ficam pertencendo os seguintes imóveis: a) UMA ÁREA DE TERRAS, sem benfeitorias, com a superfície de 96.800,00 m² (noventa e seis mil e oitocentos metros quadrados), situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, confrontando-se pela frente, a leste, com o travessão Arroio Abelha; pelos fundos, a Oeste, com terras de Avelino Kronbauer; ao Sul, com ditas de Reinaldo Scharb e Arlindo Hoppen e, pelo outro lado, ao Norte, com as de Theobaldo Becker, no valor de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), atribuído à época de sua aquisição, registrada sob nº R.1/4580, no Registro de Imóveis deste município; e b) UMA ÁREA DE TERRAS com a superfície de 65.692,34 m² (sessenta e cinco mil, seiscentos e noventa e dois metros quadrados e trinta e quatro decímetros quadrados), situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, contendo uma casa de alvenaria de 99,00 m² de área construída e demais benfeitorias, confrontando-se pela frente, a leste, com terras de Avelino Kronbauer, Theobaldo Becker e Osvino Hepp; pelos fundos, a Oeste, com o arroio Alegre; por um lado, ao Sul, com o arroio Alegre e terras de Reinaldo Scharb e, pelo outro lado, ao Norte, com ditas de viúva de José Bald, no valor de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), avaliado à época de sua aquisição, transcrita no Registro de Imóveis deste município, sob nº 68.163; 2) Aos outorgantes e reciprocamente outorgados OSVINO HEPP e esposa ELLI HEPP, em pagamento de seu quinhão, fica pertencendo o seguinte imóvel: a) UMA ÁREA DE TERRAS, sem benfeitorias, com a superfície de 53.654,83 m² (cinquenta e três mil, seiscentos e cinquenta e quatro metros quadrados e oitenta e três decímetros quadrados), situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, confrontando-se pela frente, a leste, com o travessão Arroio Abelha; pelos fundos, a Oeste, com terras de Avelino Kronbauer; por um lado, ao Sul, com ditas de Theobaldo

15.842

15.843

PODER JUDICIÁRIO
Município de Lajeado
TABELIONATO

Traslado

...Theobaldo Becker e, pelo outro lado, ao Norte, com as de Benno Hoppen e outro e de Vividigo, de viúva de José Bald, no valor de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), avaliado à época de sua aquisição, transcrita no Registro de Imóveis deste município, sob nº 68.164; e, 3) Aos outorgantes e reciprocamente outorgados THEOBALDO BECKER e esposa HILDA BECKER, em pagamento de seu quinhão, fica pertencendo o seguinte imóvel: UMA ÁREA DE TERRAS, sem benfeitorias, com a superfície de 53.654,83 m² (cinquenta e três mil, seiscentos e cinquenta e quatro metros quadrados e oitenta e três decímetros), situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, confrontando-se pela frente, a leste, com o travessão Arroio Abelha; pelos fundos, a Oeste, com terras de Avelino Kronbauer; por um lado, ao Sul, com ditas de Avelino Kronbauer e, pelo outro lado, ao Norte, com as de Osvino Hepp, no valor de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), avaliado à época de sua aquisição, transcrita no Registro de Imóveis de Lajeado (RS), sob nº 68.162. Disseram, finalmente, que por força desta escritura fica extinto, a contento de todos, o condomínio do imóvel primeiramente descrito e se obrigam a cumprir e respeitar todos os termos desta escritura; que, desistem, de parte a parte, de quaisquer reclamações futuras e se dão por empossados dos respectivos quinhões, para que cada um dos condôminos possa de seu quinhão livremente dispor, usar e gozar como seus que são e ficam sendo por força desta escritura e conse quantes registros, obrigando-se a fazera esta divisão para sempre boa, firme e valiosa e a responderem pela evicção a qualquer tempo. Estiveram presentes os usufrutuários Reinhold Hepp, também conhecido por Reinaldo Hepp, aposentado e sua esposa Rosalina Hepp, de afazeres domésticos, brasileiros, domiciliados e residentes neste município, pelos quais foi dito que vinham concordar com todos os termos desta escritura e que continuaria em vigor o usufruto sobre a área de terras com a superfície de 65.692,34 m², contendo uma casa de alvenaria de 99,00 m² e demais

15.844

2º Oficial Ajudante: *Kenneth*

TABELIONATO E CARTÓRIO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
REGISTRAR ALFREDO NEOMAS
VALERIANO E SPICAL
WILSON NEHR - OF. AJTE
ALMIRANTO ALCANTARA
LAJEADO - F.F.

PÁG. MAL. DECORRO. 92
LAJEADO - RS - Telefone 2478

...demais benfeitorias. Assim o disseram, do que .. dou fé e me pediram lhes lavrasse esta escritura, - que lhes sendo lida, foi achada conforme, aceita e assinada pelas partes, por Irio Affonso Braun, brasileiro, casado, motorista, domiciliado e residente nesta cidade, que assinou à rogo de Rosalina Hepp/" que declarou não poder escrever por motivo de fraqueza física e que deixou a impressão do polegar direito à margem e por mim, Adalberto José Renner, 2º Oficial Ajudante, que a datilografai e subcrevo. Lm Onse se lê "Elli Hepp" e Hilda Becker", leia-se ... "ELLI POHL HEPP" e "HILDA HEPP BECKER". Lajeado (RS) 22 de setembro de 1.982. (a) Avelino Kronbauer.- Sibila Kronbauer.- Óavino Hepp.- Elli Pohl Hepp.- Theobaldo Becker.- Hilda Hepp Becker.- Reinaldo Hepp. - Irio Affonso Braun. (à margem se vê a impressão digital do polegar direito de Rosalina Hepp) O 2º Oficial Ajudante: (a) A.J. Renner.- NADA MAIS CONSTA - TRANSCRITADA NA MESMA DATA. EU, Adalberto José Renner, 2º OFICIAL AJUDANTE, A SUBCREVO E ASSINO EM PÚBLICO E RASO.

EM TESTEMUNHO DA VERDADE.-
Lajeado (RS), 22 DE SETEMBRO DE 1982.
O 2º OFICIAL AJUDANTE : Adalberto José Renner

TABELIONATO E CARTÓRIO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS

HELMUTH ALFREDO THOMAS
TABELIAO E OFICIAL

WILSON KLEIN - OP. ATE

ADALBERTO JOSÉ RENNERT
ESCREVENTE AUTORIZADO

LAJEADO - RS

N.º 25.776 Pag. 17v do Protocolo.

1-19

RECORRIDO no dia 24 / setembro / 19 82

Oficial: Quirino

2 RECORRIDO SOB R. 15.344 R. 115.244/82 Livro 2 e lançados nos livros 4 e 5, no dia 24 / setembro / 19 82

Oficial: Quirino

REGISTRO DE IMÓVEIS

Adeltono Rodrigues Mate

Oficial

Deleide Maria B. Melo

Substituída

Rua Alberto Torres, 339

LAJEADO - RS - 95000

Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer.

Anexo V: Documento de usufruto em nome de Reinoldo Hepp, ano de 1982

COMARCA DE LAJEADO		CARTÓRIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS	
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL PODER JUDICIÁRIO		LIVRO N.º 2 REGISTRO GERAL	
Lajeado, 24 de setembro de 1982		fls. nº	Matrícula nº
		01	15.843
<p>IMÓVEL: Uma área de terras com a superfície de 65.692,34m² (sessenta e cinco mil, seiscentos e noventa e dois metros quadrados e trinta e quatro decímetros quadrados) contendo uma casa de alvenaria de 99,00m² de área construída e demais benfeitorias, situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sêrio, zona rural deste município, confrontando-se pela frente, a leste com terras de Avelino Kronbauer, Theobaldo Becker e Osvino Hepp; pelos fundos, ao oeste com o arroio Alegre; por um lado, ao sul com o arroio Alegre e terras de Reinoldo Scharb e pelo outro lado, ao norte com ditas de viúva de José Bald. INCRA; 856.061.040.100; - área total: 17,3; nº de módulos: 0,69; fração mínima de parcelamento: 15,0. Procedência: matrícula nº 15.841, livro nº 2-Registro Geral.</p>			
<p>PROPRIETÁRIOS: AVELINO KRONBAUER e sua esposa Sibila Kronbauer CPF: 037.646.640-53; OSVINO HEPP e sua esposa Elli Pohl Hepp, CPF 135.992.400-00 e THEOBALDO BECKER e sua esposa Hilda Hepp Becker, CPF: 135.981.800-63, todos brasileiros, eles agricultores e elas de afazeres domésticos, residentes e domiciliados neste município.</p>			
Suboficial: <u>Reinaldo</u>		Emol: R\$ 396,00	
<p>R.1/15.843-Prot.nº 25.776-24 de setembro de 1982-Título-Escritura pública de divisão amigável, datada de 22 de setembro de 1982 lavrada no Tabelionato desta cidade (livro nº 8-A, fls. 099v, 100v) Adquirente: AVELINO KRONBAUER e sua esposa Sibila Kronbauer, acima qualificados. Transmittente: Osvino Hepp e sua esposa Elli Pohl Hepp; e Theobaldo Becker e sua esposa Hilda Hepp Becker, acima qualificados. Valor: R\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros). Dou fé.</p>			
Suboficial: <u>Reinaldo</u>		Emol: R\$ 751,00	
<p>Av.2/15.843- 24 de setembro de 1982-Averbação-A área acima acha-se gravada com a cláusula de usufruto em favor de Reinoldo Hepp, também conhecido por Reinholdo Hepp e sua esposa Rosalinda Hepp inscrita no livro nº 4, fls. 199, nº 1354. Dou fé</p>			
Suboficial: <u>Reinaldo</u>			

Cert. no Verso

Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer.

**AnexoVI: Documento desfazendo o usufruto, em vista do falecimento de
ReinaldoHepp, ano de 1988**

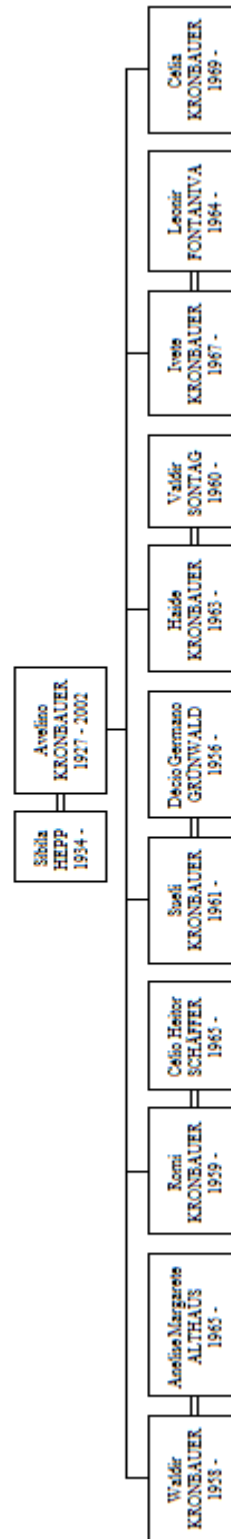
COMARCA DE LAJEADO		CARTÓRIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS	
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL PODER JUDICIÁRIO		LIVRO Nº 2 REGISTRO GERAL	
Lajeado,	de setembro de 1982	Fol. nº	Metroenda nº
		01	15.843
<p>IMÓVEL: Uma área de terras com a superfície de 65.692,34m² (sessenta e cinco mil, seiscentos e noventa e dois metros quadrados e trinta e quatro décimos quadrados) contendo uma casa de alvenaria de 99,00m² de área construída e demais benfeitorias, situada em Arroio Alegre, distrito de Vila Sério, zona rural deste município, confrontando-se pela frente, a leste com terras de Avelino Kronbauer, Theobaldo Becker e Osvaldo Hepp; pelos fundos, ao oeste com o arroio Alegre; por um lado, ao sul, com o arroio Alegre e terras de Reinaldo Scharb e pelo outro lado, ao norte com ditas de viúva de José Bald. INCR: 856.061.040.1001 - área total: 17,31m² de módulos: 0,69; fração mínima de parcelamento: 15,0. Procedência: matrícula nº 15.841, livro nº 2-Registro Geral.</p> <p>PROPRIETÁRIOS: AVELINO KRONBAUER e sua esposa Sibila Kronbauer CPF: 097.646.680-53; OSVALDO BECKER e sua esposa Elii Forl Hepp, CPF 155-992.400-00 e THEOBALDO BECKER e sua esposa Hilda Hepp Becker, CPF: 155.981.800-63, todos brasileiros, eles agricultores e elas de afazeres domésticos, residentes e domiciliados neste município.</p> <p>Suboficial: <u>Rosalina</u> Emol: R\$ 396,00</p> <p>R.1/15.843-Prot.nº 25.776-24 de setembro de 1982-Título-Escritura pública de divisão em 3 partes, datada de 22 de setembro de 1982 lavrada no Tabelionato desta cidade (livro nº B-A, fls. 099v.100v) Adquirentes: AVELINO KRONBAUER e sua esposa Sibila Kronbauer, acima qualificados. Transilente: Osvaldo Hepp e sua esposa Elii Forl Hepp; e Theobaldo Becker e sua esposa Hilda Hepp Becker, acima qualificados. Valor: R\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros). Dou fê.</p> <p>Suboficial: <u>Rosalina</u> Emol: R\$ 751,00</p> <p>Av. 2/15.843- 24 de setembro de 1982-Averbação-A área acima ... acha-se gravada com cláusula de usufruto em favor de ... Reinaldo Hepp, também conhecido por Reinhold Hepp e sua esposa Rosalina Hepp inscrita no livro nº 4, fls. 199, nº 1354. Dou fê</p> <p>Suboficial: <u>Rosalina</u></p> <p>AV-15.843-14, julho, 1988, -CANCELAMENTO DE USUFRUTO - Proceder-se esta averbação para constar que, a requerimento datado de 14 julho 1988, instruído com cópia fotostática autenticada da certidão de óbito de Reinaldo Hepp e, confissão de óbito de Rosalina Hepp.</p>			
<p>CERTIDÃO <small>Cart. no Verbo</small></p> <p>CERTIFICADO que esta cópia fotostática é reprodução fiel do livro do registro oficial, registrado em 14 de julho de 1988, com autenticidade, declarando não haver qualquer oposição ou pendência em relação ao mesmo.</p> <p align="center">24 JUL 1988</p> <p>Cartório Fórum de Wierópolis Santa</p> <p>Lafayette Netto <small>OFICIAL</small> Rosaura Braga de Jesus <small>Carteira Autorizada</small></p> <p align="center">REGISTRO DE IMÓVEIS</p> <p>Cartório Fórum de Wierópolis Santa <small>OFICIAL</small></p> <p>Av. Domênico Cruzari, 1000 - Cont. 208-20</p>			

na Hepp, cuja de recolhimento do ITR nº 2058, fica cancelado o usufruto objeto da AV-2-15.843.-Protocolo nº 52.056.-DOU Fê.-Oficial - Ajudante: Rosalina em 14 de julho de 1988 Emol. Cz\$ 726,50

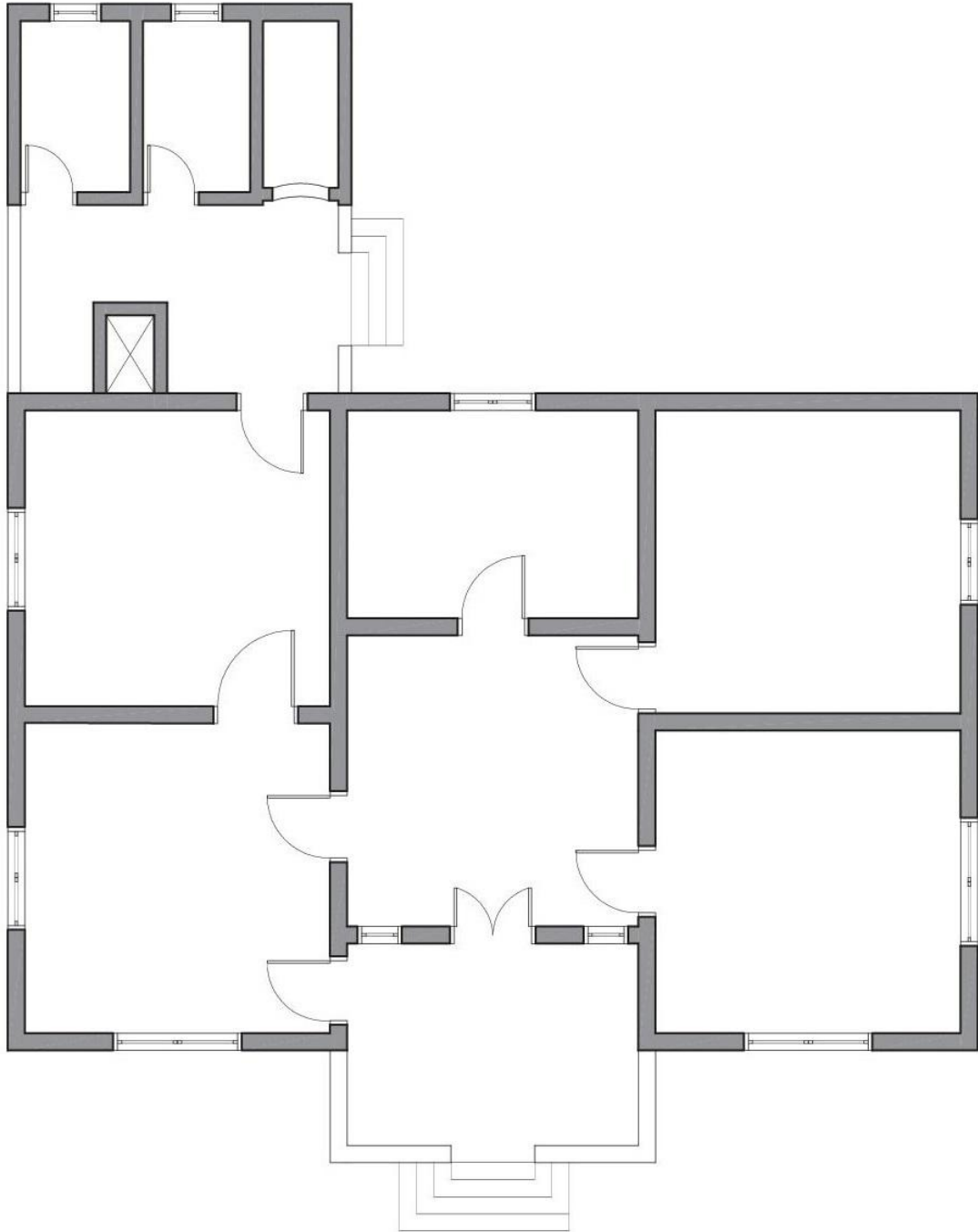
Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer.

Anexo VII: Descendentes de Sibila HeppKronbauer

Descendants of Sibila HEPP

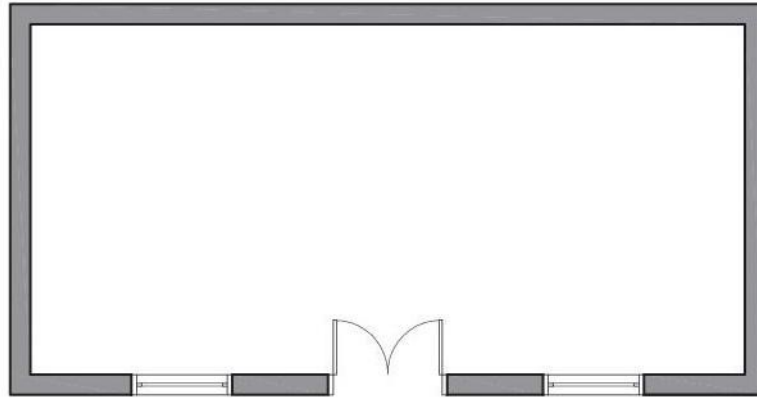


Fonte: Acervo pessoal Jéferson Schaeffer. Produzido a partir programa Family Tree Maker.

Anexo VIII: Planta baixa da estrutura arquitetônica

Fonte: Produzido pelo Escritório Modelo de arquitetura e Urbanismo – EMAU da Universidade do Vale do Taquari Univates, 2018.

Anexo IX: Planta baixa do porão



Fonte: Produzido pelo Escritório Modelo de arquitetura e Urbanismo – EMAU da Universidade do Vale do Taquari Univates, 2018.

Anexo X: Roteiro de perguntas pré-estruturadas das entrevistas

Qual é a tua relação com a casa em Arroio Alegre?

A quem pertenciam as terras onde foi construída a casa?

Como era a região de Arroio Alegre quando as terras foram compradas?

Havia algo construído nessas terras?

Em que ano foi construída a casa?

Quem construiu a casa?

Quando decidiram construir a casa, como chegaram os materiais?

Como foi o processo de construção?

Quem ajudou na construção?

Onde eles passaram a morar?

Quanto tempo demorou a construção?

Quem morava na casa?

Todos os cômodos eram usados?

Havia um cômodo da casa que usavam mais? De que forma?

Qual é o sentimento pela casa?

Há um sentimento de identificação?

Quais lembranças e memórias surgem?

Tem alguma lembrança ou acontecimento que te marcou e que ocorreu na casa?

A casa é um lugar importante para você?

Que relações você criou com a casa, esse lugar?

De que modo ocorreu essa relação?

Quais são os motivos pelos quais ela ficou sem uso?

Anexo XI: Autorizações entrevistas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Augusto Alves, aceito participar com fornecimento de informações para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velho lugar em novos contextos: representações historiográficas de uma estrutura arquitetônica”, da aluna do curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Aline Schneider.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita casa do(a) entrevistado(a), previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me à participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data 04/05/2018

Augusto Alves

Nome do entrevistado(a)

[Assinatura]

Assinatura do entrevistado(a)

Aline Schneider

Nome do entrevistador

Telefone: (51)984145701

[Assinatura]

Assinatura do entrevistador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Lilica Kaupp Krumbauer, aceito participar com fornecimento de informações para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velho lugar em novos contextos: representações historiográficas de uma estrutura arquitetônica”, da aluna do curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Aline Schneider.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita casa do(a) entrevistado(a), previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me à participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data 13/05/18

Lilica Kaupp Krumbauer

Nome do entrevistado(a)

Rami Krumbauer Schaeffer

Assinatura do entrevistado(a)

Aline Schneider

Nome do entrevistador

Telefone: (51)984145701

AS

Assinatura do entrevistador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Elli Pohl Bepp, Ise Xarina Bepp Verreck, aceito participar com fornecimento de informações para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velho lugar em novos contextos: representações historiográficas de uma estrutura arquitetônica”, da aluna do curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Aline Schneider.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita casa do(a) entrevistado(a), previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me à participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data 10/07/2018

Elli Pohl Bepp
Nome do entrevistado(a)

Elli Pohl Bepp
Assinatura do entrevistado(a)

Aline Schneider
Nome do entrevistador
Telefone: (51)984145701

AS
Assinatura do entrevistador

Fonte: Acervo da autora.

Observação: Ambas as entrevistadas moram juntas, assim foi realizada uma única entrevista com as duas. Sendo que somente uma pode assinar o documento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Jefferson Louís Schayper, aceito participar com fornecimento de informações para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velho lugar em novos contextos: representações historiográficas de uma estrutura arquitetônica”, da aluna do curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Aline Schneider.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita casa do(a) entrevistado(a), previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me à participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data 13 / 05 / 18

Jefferson Louís Schayper
Nome do entrevistado(a)

Jefferson L. Schayper
Assinatura do entrevistado(a)

Aline Schneider
Nome do entrevistador
Telefone: (51)984145701

AS
Assinatura do entrevistador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Bélica Kronbauer, Romi Kronbauer Schaffer, aceito participar com fornecimento de informações para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velho lugar em novos contextos: representações historiográficas de uma estrutura arquitetônica”, da aluna do curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Aline Schneider.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita casa do(a) entrevistado(a), previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me à participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data 13/05/18

Bélica Kronbauer
Romi Kronbauer Schaffer
Nome do entrevistado(a)

Bélica Kronbauer
Romi Kronbauer Schaffer
Assinatura do entrevistado(a)

Aline Schneider
Nome do entrevistador
Telefone: (51)984145701

AS
Assinatura do entrevistador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Paulo Hepp, aceito participar com fornecimento de informações para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Velho lugar em novos contextos: representações historiográficas de uma estrutura arquitetônica”, da aluna do curso de História da Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Aline Schneider.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, após ser informado de forma clara e detalhada dos propósitos e justificativa do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á através de informações que serão fornecidas no momento da visita casa do(a) entrevistado(a), previamente agendada, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento de dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me à participar ou de retirar o meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo podem ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) entrevistado e a outra em posse dos pesquisadores.

Data / /

Paulo Hepp.
Nome do entrevistado(a)

Paulo Hepp.
Assinatura do entrevistado(a)

Aline Schneider
Nome do entrevistador
Telefone: (51)984145701

AS
Assinatura do entrevistador